



UNIVERSIDADE CATÓLICA DO SALVADOR  
CURSO DE PSICOLOGIA

**TIAGO FERREIRA ROLIM**

**O OUTRO E A *URBE*: SEU LUGAR NO DISCURSO DE ADOLESCENTES DE  
CLASSE MÉDIA ALTA RESIDENTES EM CONDOMÍNIOS FECHADOS DE  
SALVADOR/BA**

Salvador

2021

**TIAGO FERREIRA ROLIM**

**O OUTRO E A *URBE*: SEU LUGAR NO DISCURSO DE ADOLESCENTES DE  
CLASSE MÉDIA ALTA RESIDENTES EM CONDOMÍNIOS FECHADOS DE  
SALVADOR/BA**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Curso de Psicologia da Universidade Católica do Salvador (UCSAL), como parte dos requisitos para aquisição do título de Bacharel em Psicologia.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Me Silvana Maria Grisi Sarno

Salvador

2021

## **FICHA CATALOGRÁFICA**

**TIAGO FERREIRA ROLIM**

**O OUTRO E A *URBE*: SEU LUGAR NO DISCURSO DE ADOLESCENTES DE CLASSE MÉDIA ALTA RESIDENTES EM CONDOMÍNIOS FECHADOS DE SALVADOR/BA**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado como requisito parcial para obtenção do grau de Psicólogo pela Universidade Católica do Salvador.

Salvador, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA:**

---

**Prof.<sup>a</sup> Me Silvana Maria Grisi Sarno (orientadora)**

Universidade Católica do Salvador

---

**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ana Clara Bastos**

Universidade Católica do Salvador

---

**Me Sheyla Santana Machado**

Espaço Moebius e Instituto Fênix de atenção à adolescência

## RESUMO

O presente trabalho se propõe a identificar e analisar os significados e sentimentos presentes no discurso de adolescentes de classe média alta, residentes em condomínios fechados de Salvador/BA, com relação a sua circulação em espaços públicos da cidade. Para a produção dos dados, optou-se pela técnica do grupo focal, do qual participam quatro adolescentes entre 15 e 17 anos, qualificados para a discussão em foco neste Trabalho de Conclusão de Curso por sua classe social e vivências cotidianas em condomínios fechados de Salvador/BA. As falas e interações dos participantes são analisadas com fundamento na Análise Lacaniana de Discurso proposta por Ian Parker e na teoria dos quatro discursos desenvolvida por Jacques Lacan. Verificou-se, a partir da análise de suas falas e interações, que os adolescentes participantes da pesquisa não aplicam os atributos de precariedade, desordem, insegurança e descaso indiscriminadamente à cidade, demonstrando saber que ela abriga em seu seio experiências extremas. Os atributos referidos são aplicados a regiões afastadas, favelas, nomeadamente. O outro que habita a cidade aparece convertido em ameaça, devendo ser mantido afastado, silenciado, invisibilizado, uma vez que reconhecer-se nele revela-se improvável. Compreendemos, com base nos dados produzidos neste trabalho, que o discurso em torno dos condomínios, fortemente assimilado pelos adolescentes que participam da pesquisa, e a vida que eles levam no interior dessas edificações-fortalezas, não colaboram para o estabelecimento de laços ou vínculos entre esses adolescentes e a cidade onde moram e crescem.

**Palavras-chave:** condomínios fechados; muros; adolescente; discurso; Lacan.

## **ABSTRACT**

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	8
1.1 JUSTIFICATIVA .....	9
1.2 DELIMITAÇÃO DO PROBLEMA .....	10
1.3 OBJETIVOS .....	10
<b>1.3.1 Objetivo Geral</b> .....	10
<b>1.3.2 Objetivos Específicos</b> .....	10
<b>2. MARCO TEÓRICO</b> .....	11
<b>3. DELINEAMENTO METODOLÓGICO</b> .....	20
3.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA .....	20
3.2 PARTICIPANTES.....	21
3.3 INSTRUMENTOS E PROCEDIMENTOS PARA PRODUÇÃO DE DADOS .....	22
3.4 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE DE DADOS .....	23
3.5 CONSIDERAÇÕES ÉTICAS .....	24
<b>4. ANÁLISE E DISCUSSÃO</b> .....	26
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	44
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	47
<b>APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO</b> .....	51
<b>APÊNDICE B - TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO</b> .....	53

<b>APÊNDICE C - TERMO DE COMPROMISSO.....</b>	<b>55</b>
<b>ANEXO A - TERMO DE COMPROMISSO PSICOLÓGICO .....</b>	<b>56</b>
<b>ANEXO B – IMAGENS UTILIZADAS NO GRUPO FOCAL.....</b>	<b>57</b>

## 1. INTRODUÇÃO

A lógica dos condomínios fechados, segundo Souza (2018), sustenta-se em uma idealização do morar da classe média brasileira, segundo a qual se estaria protegido de ambientes ameaçadores, longe da imprevisibilidade dos espaços públicos e de relações indesejadas e inconvenientes com pessoas de outras classes sociais ou que tenham costumes diversos, às quais atribui um valor social negativo. Essa fuga para um espaço privado, cercado, distante da realidade vivida fora dos muros do condomínio, configura-se como uma negação da cidade, de sua imprevisibilidade, heterogeneidade, inconvenientes e ameaças (SILVA, 2013; SOUZA, op. cit.).

Essa privatização dos espaços, segundo Amador e Fernandes (2016), cria uma sensação de bem-estar individual e um estilo de vida que hipervaloriza a individualidade. Desgastados os sentimentos de coletividade e de integração social, os condomínios apresentam soluções individuais para problemas que, na realidade, são de toda a cidade (SILVA e MANHAS, 2014a).

O presente estudo se insere, assim, no paradoxo apontado pelos autores estudados entre a necessidade de se ocupar a cidade com sua heterogeneidade e imprevisibilidade e pensá-la como espaço de socialização de um lado, e a busca de bem-estar individual, homogeneidade e segurança que os condomínios fechados oferecem do outro.

A crescente fragmentação da cidade representada pela proliferação de condomínios fechados pode gerar espaços privados de sociabilidade estritamente contratuais ou nula, além de um descaso e progressivo abandono dos espaços públicos pelos estratos sociais mais abastados, o que facilitaria a tomada das cidades pela violência (*Ibidem*, 2014a).

O isolamento social representado por esses espaços privatizados e fechados tem sua sustentação no discurso da violência, que associa a rua e os espaços públicos ao perigo, à insegurança, à imprevisibilidade e à marginalidade (CALDEIRA, 1997). A sociedade urbana deixa de pensar a cidade, dessa forma, segundo os valores de urbanidade, civilidade, cosmopolitismo, cidadania e cortesia, reconfigurando-a a partir da tomada da desigualdade, do individualismo e da segregação como novos valores generalizantes (SOUZA, 2018).

## 1.1 JUSTIFICATIVA

O Atlas da Violência (IPEA e FBSP, 2019) atesta o crescimento da taxa de homicídios entre os anos de 2016 e 2017 acima de 10% em sete unidades federativas das regiões Norte e Nordeste, contribuindo sobremaneira para o crescimento de 4,2% na taxa de homicídios agregada no país no mesmo período. O medo advindo da escalada da violência nos grandes centros urbanos e a busca de segurança por parte da população alteram não só as relações entre os habitantes da cidade, como também sua paisagem arquitetônica, produzindo efeitos sobre a própria função da cidade.

Enquanto o pedestrianismo e a cidade entendida como local de encontro são anulados no movimento que Leal, Costa e Almeida (2020) chamam de desertificação socioambiental, as mensagens publicitárias de grandes empreendimentos residenciais oferecem à população amedrontada a promessa de segurança e liberdade de circulação totais no interior de suas instalações. Veicula-se, assim, uma produção social localizada em região de extraterritorialidade protegida, em espaço abrigado que concentra total satisfação retinta de liberdade (DUNKER, 2015).

Os condomínios fechados que ocupam quadras em grandes dimensões, com suas casas com as fachadas e entradas voltadas para o interior dos lotes e seus altos muros com tipologia de fortaleza, segregam espaços públicos e privados, evitam a convivência, o encontro e a reunião entre os habitantes da cidade, enfraquecendo os pactos sociais, a vivência da diferença e o diálogo. Para Leal, Costa e Almeida (2020), esses grandes empreendimentos imobiliários inibem a cidade democrática e operam o alheamento de seus moradores com relação às problemáticas da vida em cidade e ao planejamento e execução das políticas públicas de urbanização e segurança, por diminuir nestes o sentido de pertença a uma comunidade.

A cultura do medo, que ergue muros de concreto e muros simbólicos, tende a localizar o perigo do lado de grupos sociais inteiros, com a consequente necessidade de segregação, invisibilização e policiamento. Leal, Costa e Almeida (2020) apontam, contrariamente, que a conservação das diferenças e a livre movimentação pela cidade são inibidoras da criminalidade e amenizadoras da sensação de medo.

Aliada à cultura do medo na transformação da paisagem urbana e das relações interpessoais e intergrupais na cidade, está a cultura do consumo, que, no dizer de Fontenelle (2017), ampara-se no controle de um grupo sobre a determinação simbólica ou cultural de bens ou produtos, com a produção da fantasia em torno de dada mercadoria adquirindo importância maior que sua própria utilidade.

Entender se/como estão presentes nos discursos dos participantes deste estudo o desejo de integração social e sua responsabilização subjetiva pela vida na *urbe*, a partir dos significados e sentimentos relacionados ao outro que habita fora dos muros dos condomínios, justifica-se pela relevância de investigarmos o impacto da vida no interior destas edificações-fortalezas na subjetividade de seus moradores e na possibilidade mesma de um laço social que favoreça se pensar uma cidade para todos.

## 1.2 DELIMITAÇÃO DO PROBLEMA

Considerando a relevância do estudo sobre o tema afrontado no presente trabalho de conclusão de curso, propõe-se como problema motivador da pesquisa a investigação sobre quais os significados e sentimentos que estão presentes no discurso de adolescentes de classe média alta, residentes em condomínios fechados de Salvador/BA, com relação a sua circulação em espaços públicos da cidade.

## 1.3 OBJETIVOS

### 1.3.1 Objetivo Geral

Identificar e analisar os significados e sentimentos presentes no discurso de adolescentes de classe média alta, residentes em condomínios fechados de Salvador/BA, com relação a sua circulação em espaços públicos da cidade.

### 1.3.2 Objetivos Específicos

a) Descrever os sentimentos e significados presentes nos discursos dos participantes quanto ao outro que habita fora dos muros e que encontramos ao circular pela cidade.

b) Entender se/como estão presentes nos discursos dos participantes o desejo de integração social e alguma responsabilização subjetiva pela vida na *urbe*, expressa em cidadania ativa.

## 2. MARCO TEÓRICO

A vida em condomínios residenciais fechados se oferece como alternativa à cidade experimentada como o lugar da desordem e insegurança, gerando em seus moradores um sentimento pacificador. Trata-se da promessa de uma vida na qual a precariedade, o risco e a indeterminação estariam abolidos (DUNKER, 2015). O policiamento e ordenamento da vida daqueles que circulam intramuros é ostensivo e pretensamente ininterrupto, total. Iluminação, sinalização, pavimentação e tudo o mais que na cidade apresenta-se como precário, insuficiente ou descuidado, no condomínio encontra sua suplência. A ausência de cercas sinaliza aparente confiança nos pares e convite à vida comum, integrada.

Para Dunker (2015), os condomínios fechados povoam o imaginário de realização pessoal das classes média e alta brasileiras, tanto por oferecer-lhes uma vida de aparente retorno para a natureza, isenta de preocupações e plena de lazer e de satisfação, quanto por reforçar sua histórica posição de privilégio frente às camadas populares da população, que, mantidas de fora, continuariam gozando menos, subalternas ou privadas das benesses meritórias. Habitar em *Alphaville*, *Le Parc* ou no Horto Florestal torna-se o sonho de consumo e signo de ascensão social para o soteropolitano. Construções como essas atraem por sua pretensa capacidade de planejamento e controle totais. Em seu interior, engendram-se novas formas de vida acessíveis a poucos, organizadoras de uma comunidade de iguais.

Apesar de em muito se assemelharem a seus correlatos estrangeiros, os condomínios fechados brasileiros deles se distinguem pela ausência da promessa de promoverem uma comunidade racialmente integrada (ibid., 2015). A distinção e separação de classe e de raça é facilmente encontrada na arquitetura, nas placas de sinalização e nos dispositivos que regulam a entrada, circulação e convivência dos moradores, visitantes e serviçais. Áreas de lazer exclusivas dos condôminos, portaria e vagas de garagem para visitantes, elevadores sociais e de serviço são apenas algumas amostras de como se pode tolerar o convívio entre diferentes sem se promover ou experienciar a vida numa verdadeira comunidade.

A expectativa da classe média brasileira sobre os condomínios fechados é de que esse universo privado seja um ambiente de convivência harmoniosa de iguais, que integre pessoas com afinidades ideológicas e da mesma faixa de renda (MOURA, 2006; SILVA, 2013). Nasce, assim, a noção de comunidade contratual, com o estabelecimento de regras aplicáveis unicamente aos condôminos, que passam a viver como que em um simulador da cidade (SILVA e MANHAS, 2014a).

Refletindo sobre o que pedem os homens da vida e o que desejam nela realizar, Freud

(1996) constata que estes “esforçam-se para obter felicidade, e essa empresa visa, por um lado, a uma ausência de sofrimento e de desprazer, e, por outro, a intensos sentimentos de prazer” (p. 20-21).

As campanhas publicitárias de grandes empreendimentos imobiliários os ofertam como solução para ao menos duas das questões fundamentais para a classe média brasileira: a segurança e o acesso a equipamentos e serviços. Seu desenho e projeção seguem o modelo dos fortes de ocupação, cujos muros objetivam impedir a entrada do outro indesejado, convertido em inimigo ou ameaça; ocultar e proteger de eventuais saques ou compartilhamento os recursos estratégicos disponíveis; assim como facilitar o monitoramento dos movimentos de potenciais perturbadores da ordem ou invasores.

O muro como estrutura de defesa, de demarcação do espaço como território, apresenta-se como uma tentativa de se determinar aquilo que é indeterminado pelo desejo, angústia, trauma ou pulsão. Aos menos três formas de determinação estão presentes na fantasia narcísica dos muros: o bom uso da liberdade, o aprimoramento da ordem e a idealização da experiência (DUNKER, 2015). O autor apresenta a fantasia acerca da vida em condomínio sendo constituída em três tempos:

Num primeiro tempo, tem-se o sujeito acometido por um mal-estar real advindo dos sentimentos de insegurança, indeterminação e estranhamento frente ao diferente. É a esse mal-estar que se buscará algum alívio com o erguimento de muros, no interior dos quais se encontra a proteção e um mapeamento tal da vida em ato que torne capaz delimitar e administrar todo conflito. O muro separa o espaço produtivo, aquele interno, que está destinado a tornar-se território, do espaço improdutivo, externo, relegado à anomia. Essa segregação surge do fracasso em se lidar com as diferenças e com a própria divisão narcísica e se materializa na expulsão do estranho ameaçador para o não-lugar fora dos muros do condomínio.

O segundo tempo opera o recalçamento do mal-estar por sua nomeação. O estabelecimento de zonas de passagem e de interdição, as sinalizações de permitido e proibido, marcações do que está dentro e do que está fora, tudo muito bem sinalizado e regrado. Nesse espaço produtivo, surge então o espaço reprodutivo da vida na cidade, com a pactuação e submissão a uma série de procedimentos securitários, morais, estéticos, higiênicos e alimentares, bem como a um conjunto de cuidados, atenções, advertências, encargos, taxas e demais obrigações que tornam a vida funcional, determinada e segura.

Enfim, chega-se ao terceiro tempo da montagem da fantasia, quando a diferença entre o objeto faltante, causa de desejo, e o objeto substituto posto em seu lugar parece inexistir, quer pela materialização da fantasia liberta de excessos, quer pela disseminação da lei, de forma a

dar a impressão de que nada escapa ao controle e à determinação. Traço típico dessa fase é a compulsão legislativa que rege a gestão condominial. Encontros não programados e desagradáveis, eventos imprevistos e intrusivos, enfim, toda irrupção de vida tal como ela acontece, deve ser extirpada sem demora, tal como sintoma, por meio de novos decretos, proibições e penalidades. É nessa fase que emerge a necessidade do síndico como aquele que deve administrar toda forma de sofrimento dentro do espaço reprodutivo do condomínio, como sentinela e termômetro do nível de satisfação de seus moradores.

Em seu livro “O Mal-estar na Civilização”, Freud (1996) traz um elenco de estratégias empregadas pelo homem a fim de fugir do desprazer. Tal elenco encontra-se condensado na parábola do condomínio fechado: a conquista de um retorno à natureza, o acolhimento numa comunidade orgânica, refúgio num mundo intramuros protegido dos perigos da vida no além-muros, sentimento de ocupação de uma posição de privilégio frente ao outro a quem é negado o acesso ao condomínio e a embriaguez anestésica induzida pelo excesso de ordem, limpeza e determinação. Quando o lugar do ideal é ocupado por um objeto determinado, está estabelecida a condição desencadeadora da constituição da fantasia do condomínio: do fascínio totalitário inicial, passando pela redução identitária, se chega à servidão voluntária (DUNKER, 2015).

Para Freud (1996, p. 25), “uma técnica para afastar o sofrimento é a tentativa de se recriar o mundo, em seu lugar construir um outro mundo, no qual os seus aspectos mais insuportáveis sejam eliminados e substituídos por outros mais adequados a nossos próprios desejos”.

Os muros dos condomínios se erguem como estruturas de defesa contra a falta, mensagem de indiferença contra o outro, alegoria de felicidade e satisfação totais para poucos privilegiados - aos quais está assegurado um a mais de gozo em relação a quem é deixado de fora -, e uma negação indeterminada de reconhecimento por supressão. Para Dunker (2015, p. 64), o muro repete constantemente “não é isso” para os que estão fora e “é isso” para os que estão dentro.

Também o sofrimento experimentado pela sensação de que todos os outros (que importam) têm uma vida extremamente interessante, aventureira e eroticamente rica e movimentada, enquanto a própria vida está mergulhada num marasmo e banalidade vividos solitariamente encontra nas relações intramuros sua organização. Naquilo que Dunker (2016) chama de hedonismo interpassivo, é possível gozar de uma vida trivial, desde que os outros não a suponham assim. Assim, sentindo-se observado a partir de fora, e imaginando transmitir uma imagem de gozo em demasia, de plena satisfação, se experimenta recuperar, ao menos em parte, o gozo renunciado ou a satisfação não tocada.

Funcionando como nomeação para o mal-estar, o condomínio se insere na dialética oferta-demanda. O sujeito oferece ao Outro sua falta, ao tempo em que lhe demanda a satisfação de seu desejo (LACAN, 2003). Algumas formas de sofrimento presentes na experiência do condomínio articulam-se como demanda para o Outro. São aquelas que se apresentam como disposição de ajustamento e adequação à lei do Outro. A fim de aplacar o sentimento de desamparo, o sujeito oferece ao Outro sua obediência e submissão em troca de proteção e segurança. O semblante clínico desse tipo de sofrimento é a insatisfação, indignação ou reivindicação (DUNKER, PAULON, MILÁN-RAMOS, 2016).

Há aquelas formas de sofrimento que adquirem a forma de afirmação de uma identidade, caráter ou personalidade, articulando-se como demandas contra o Outro. Essas demandas erguem verdadeiros monumentos em exaltação a determinada experiência, objetivando perpetuá-la e funcionando como recusa a esquecê-la ou substituí-la.

Algumas formas de sofrimento não se articulam como demanda e, por conseguinte, não se endereçam de forma orientada, nem se inserem na dialética do reconhecimento. Ao mesmo tempo em que não se demanda nada, se oferece ao Outro a própria carência ou desamparo, numa atitude masoquista de ataque à posição de dependência na qual a oferta amorosa do Outro nos instala. Localizando o desejo no Outro e identificando-se ao objeto causa de seu desejo, a demanda é suturada no Outro.

Por fim, há modalidades de sofrimento que são não percebidas ou irrealizadas pelo próprio sujeito, mas que lhe aparecem como demandas do Outro. O sujeito é afetado de tal forma pelo sofrimento do Outro que se torna seu mandatário, sofre com ele, formulando uma demanda que não é sua.

Uma vez que o condomínio se estabelece em sua lógica e sintomatologia pela nomeação do sofrimento articulado em forma de demanda, pode-se traçar um paralelo entre os quatro tempos de sua constituição e estrutura da demanda (DUNKER, 2015):

O primeiro momento inscreve-se na dialética de pedir ou não pedir, expressando-se como demanda para o Outro. O condomínio localiza no interior de seus muros o Outro a quem endereçar a demanda, delimitando o campo onde as relações de reconhecimento acontecerão. Os que restam fora do condomínio habitam a zona da indiferença, exterior à luta por reconhecimento, não lhes sendo endereçada demanda alguma.

Recusar ou aceitar uma demanda liga-se ao segundo momento da constituição do condomínio, que pronuncia uma demanda contra o Outro. Essa etapa relaciona-se com a validação e o reconhecimento da pertinência da demanda formulada pelo Outro, de sua aceitação e assimilação a determinado código discursivo. Assim, o condomínio afirma a

validade de uma forma de vida e nega a pertinência e legitimidade das demandas que possam ser articuladas por quem não lhe compõe.

O terceiro tempo diz respeito à determinação daqueles a quem se dá e de quem se recebe amor. Organiza as expectativas de reconhecimento e de reciprocidade, constituindo a comunidade. Nessa etapa, os condôminos ofertam sua falta, medo e angústia de indeterminação, numa demanda por gestão da vida e suprimento das próprias necessidades que é aplacada no Outro do condomínio.

Um quarto tempo, porém, se instauraria pelo declínio dessa fantasia. O condomínio se revelaria como “não é isso” que se demanda, por sua incapacidade de substituir-se ao objeto causa de desejo dos condôminos que, mesmo com suas necessidades satisfeitas, continuam experimentando a angústia própria da insuficiência, da falta inominada, expressa em sentimentos de decepção.

A promessa de retorno à natureza, como alegoria de uma vida simples e feliz fabricada entremuros, coaduna-se com a promessa de recuperação e reconstrução da experiência perdida formulada pelos antigos leprosários e manicômios, também por seu comum e melancólico fim. Mas as semelhanças não param por aí: partindo da lógica higienista da razão, segundo a qual a loucura depõe contra o conhecimento da verdade e, por isso, deve ser isolada, tutelada e corrigida (FOUCAULT, 2017), a apresentação regimental e administrativa dos condomínios modernos aproxima-se daquela verificada nos grandes hospitais psiquiátricos reconstruídos e expandidos por todo o mundo ocidental em meados do século XIX. Tais hospitais foram projetados para produzirem saúde de forma assistida e controlada, assim como reproduzirem no interior de seus espaços modos de vida perdidos, os quais a vida livre em sociedade não seria capaz de restituir. Retirem-se, no entanto, as marcas da pobreza e os sinais aparentes de loucura dos moradores de antigos leprosários e hospícios, resta a imagem de um *protocondomínio* arborizado, sinalizado, ostensiva ou sutilmente regrado, com áreas de lazer, práticas esportivas, meditação e cuidados vários, típica dos empreendimentos residenciais encontrados em grandes centros urbanos como Salvador/BA.

Assim como a segregação e o confinamento da loucura nessas instituições totais findou por produzir mais loucura, a mesmidade experimentada na comunidade de iguais dos condomínios fechados dá origem a diversas patologias do social, quando aquilo que foi suprimido retorna como sintoma. Dunker (2015) apresenta alguns desses sintomas, tais como aqueles ligados à esquizoidia narcísica e à divisão do sujeito, e que podemos encontrar na expropriação do território que abriga a experiência de condomínio, um espaço apartado e insensível à cidade, regido por uma legislação própria, configuradamente de exceção, onde tudo

é funcional, limpo, controlado. Esse caráter de exceção, somado à experiência de extraterritorialidade, engendra patologias da perda de experiência, que se exprimem em sentimentos de anestesia, irrelevância e inautenticidade.

Segundo Freud (1996), é sempre possível ligar um grande número de pessoas pelo amor, desde que restem outras como destinatárias da agressividade suprimida, num movimento que ele cunhou como o “narcisismo das pequenas diferenças”. As aspirações à unidade do espírito e à identidade desse sujeito dividido encontram nos muros um falso marcador, que o coloca na situação de validar a nova comunidade intramuros em substituição à de sua recusa. Essa comunidade autossegregada e objeto de investimento do amor dos condôminos, seja por culpa, seja por vazão da agressividade barrada, dirige sua intolerância e hostilidade para os habitantes da cidade.

Experimentar a presença do outro como ameaça e engendrar formas de vida intramuros que funcionem *como se* esse outro não estivesse aí, fetichizam a relação dos condôminos com o condomínio? Seria a vida em forma de condomínio um sintoma do fetichismo como patologia do social? Intentando trazer luzes sobre essa questão, Safatle, Silva Júnior e Dunker (2018) trazem que os sujeitos, diante de uma verdade insuportável, negam-na de um modo astuto: aceitam sua existência, mas a substituem por algo que desminta sua realidade. É nesse sentido que os fetichistas são astutos: o fetiche pode ter o papel muito construtivo de permitir que lidemos com a dura realidade. Os fetichistas não são sonhadores perdidos em seu mundo particular, são totalmente realistas, capazes de aceitar o modo como as coisas são, porque, ao se agarrar ao fetiche, conseguem mitigar o impacto total da realidade. O fetichismo não seria ele mesmo patológico, mas seriam patológicas as condições sociais efetivas que fazem do fetichismo uma saída, uma válvula de escape para experiências de sofrimento e condições insuportáveis.

Dunker (2015) traz ainda aquelas patologias do social que se organizam ao modo da impostura imaginária da autoridade simbólica. O conflito se evidencia no *gap* experimentado entre a promessa e o realizado. O mal-estar, assim, se instala, percebido como fruto da violação do pacto de submissão a uma lei que se revela como caricatura de uma aspiração mal realizada ou tapeação. O *déficit* de felicidade e sentimento de estar sendo ludibriado geram no sujeito um outro sentimento: a inveja do vizinho, que é tido em posição de vantagem por ter roubado algo do gozo alheio.

O muro, como emblema das patologias sociais de nossa época, gera naqueles a quem deixa de fora o sentimento de ressentimento, derivado de uma soberania imaginária do Outro, da configuração fantasística de sua onipotência e da obstrução da faculdade de pedir. Nos “de

dentro”, o muro dá origem ao cinismo que neutraliza a força reivindicatória e denunciatória do Outro, a degradação do sentimento de respeito com a ascensão de uma nova gramática da autoridade representada pela figura do síndico e, por fim, os sentimentos de exílio, inadequação e não pertencimento.

Cunha e Birman (2017) apontam um aumento significativo das patologias narcísico-identitárias na contemporaneidade. Problemas no processo de construção e investimento pulsional nas fronteiras do eu aparecem como causa da instabilidade, flutuação e bruscas mudanças de afetos características dessas patologias. Falhas na constituição do eu narcísico ou no Ideal do eu desses sujeitos fronteiriços determina uma escolha objetal por identificação. Compromete-se a dimensão da alteridade e busca-se o refúgio em “bolhas”, pela eleição de objetos segundo a imagem e semelhança do próprio eu.

Ainda segundo os autores, a busca de completude faz registro no campo da hiperinflação egóica, com a escolha de objetos circunscritos no curto-circuito da repetição do que é narcisicamente reconhecido. Tal funcionamento remete à lógica do condomínio, com seus muros funcionando como defesa da frágil delimitação de si mesmos. Relega-se ao limbo o *hetero* em sua legitimidade não convalidada.

O fechamento, seja em si mesmos, seja no interior de um condomínio, e sua conseqüente retirada de cena da relação com o mundo externo, configuram, para Cunha e Birman (ibid.), a busca por um estado de proteção narcísica contra o conflito e o medo de fragmentação e de autodestruição. Como metáfora social do individualismo de nossos dias, vive-se nos condomínios o vazio da experiência da alteridade e dos vínculos intersubjetivos. Tal narcisismo não cria vínculos, não cria laço e, ao invés, faz perder a vida, nessa busca mortífera por si mesmo, sem o outro.

A presença inerente do outro implica uma tensão de delimitação e determinação entre Eu e não Eu. Essa tensão tanto poderia ser tolerada quanto poderia passar à violência, pela intolerância a essa diferença que constitui obstáculo à determinação do Eu. Para que a experiência individual possa se manter na forma de um Eu estável, é necessário que o outro, suporte imaginário da constituição do Eu, não lhe apareça como diferença radical. O ataque ao diferente decorre de uma agressividade latente que foi mobilizada pela sensação de ameaça à estabilidade da identidade, sendo o narcisismo a pedra angular constituinte da identidade (SAFATLE; SILVA JÚNIOR; DUNKER, 2018, p. 169-170).

Correlativamente, a formação do [eu] simboliza-se oniricamente por um campo fortificado, ou mesmo um estádio, que distribui da arena interna até sua muralha, até seu cinturão de escombros e pântanos, dois campos de luta opostos em que o sujeito enrosca na busca do altivo e longínquo castelo interior, cuja forma (às vezes justaposta

no mesmo cenário) simboliza o isso de maneira surpreendente. (LACAN, 1998a, p. 101).

Na lógica do condomínio, o afeto do medo aparece como eixo articulador principal, motor do movimento de exclusão e imposição de barreiras de segurança entre os condôminos e o outro que habita para além dos muros do condomínio, obstaculizando qualquer relação entre esses dois sujeitos. A recusa e aversão ao diferente apresentam-se como chaves interpretativas da formulação condominial, tanto em nível intrapsíquico, quanto relacional (CUNHA e BIRMAN, 2017).

Situar o diferente fora do condomínio, invisibilizando-o, silenciando-o, opera o velamento de qualquer tensão que possa existir entre a vida no interior dos condomínios e a vida na cidade. Para Dunker (2015), também não há muito o que se preocupar quanto a tensões intramuros, uma vez que a ausência de cercas, as paredes de vidro e o *playground* como única área real de convivência apresentam-se como um semblante de comunicabilidade e de possibilidade de encontros e de trocas. Enquanto os que vivem fora habitam o não-lugar da indiferença, os que habitam dentro estão demasiadamente fixados em seus lotes e posição. Se no mundo interno se almejam uma funcionalidade, limpeza e segurança que sejam totais, o lado de fora se torna o império do *ethos* da indiferença (CUNHA e BIRMAN, 2017).

Em sociedades fortemente marcadas pelo individualismo, nas quais as grandes ideias declinaram de sua função de elo social, a possibilidade de laço está na constituição do que Barroso (2011) designou de pseudocomunidades, formadas a partir do agrupamento de semelhantes na concepção de mundo, posição social e comportamento, ou seja, comunidades de mais do mesmo. A não tolerância, por parte dos sujeitos reduzidos a consumidores, da irrupção em seus espaços de moradia, trabalho e lazer de qualquer diferença que provoque desconforto, estranhamento, ou perturbe a paz, é o que engendra a proliferação de clubes *privê*, salas VIP e condomínios fechados.

[...] numa civilização em que o ideal individualista foi alçado a um grau de afirmação até então desconhecido, os indivíduos descobrem-se tendendo para um estado em que pensam, fazem e amam exatamente as mesmas coisas, nas mesmas horas, em porções de espaço estritamente equivalentes (LACAN, 1998b, p. 146).

O isolamento, a indiferença, transitoriedade e utilitarismo das relações entre indivíduos e inteiros grupos contribui para a fragilização dos vínculos de amizade e solidariedade na comunidade, assim como para o desfazimento do apoio mútuo entre vizinhos, que não mais experimentam os contatos rotineiros para intercâmbio (LEAL; COSTA; ALMEIDA, 2020).

Silva (2013) e Souza (2018) reportam que os condomínios fechados são geralmente espaços arquitetonicamente projetados para virar os fundos para a cidade, o que acaba por tornar seus moradores insensíveis à desigualdade e à busca do bem comum, assim como colabora para torná-los alienados quanto aos problemas reais da cidade. Fabricam-se, assim, cidadãos despolitizados, privados de ideais de participação cidadã e refratários à ideia de coesão social.

Para Moura (2006), com a proliferação de condomínios fechados nos grandes centros urbanos, fragmenta-se estrutural e simbolicamente a cidade, criando-se barreiras visíveis e invisíveis. Erguem-se muros de concreto e muros afetivos, com a proliferação dos sentimentos de medo e de desconfiança lançados sobre os habitantes da cidade. Cria-se um antagonismo com aquela que é a principal função da cidade: o convívio com as diferenças. Andar pelas ruas torna-se uma questão de classe, pois a familiarização dos moradores de condomínios fechados com esse espaço privado dificulta sua identificação com a realidade vivida fora dos muros do condomínio; o que desfavorece a manutenção de um sentimento de pertença à cidade (CALDEIRA, 1997; SILVA e MANHAS, 2014b).

A urbanização, vista como uma empreitada econômica de negócios, altera o desenho da cidade, privilegiando bairros de classe média e alta com equipamentos e serviços, em detrimento de bairros populares. A elite econômica aparece exercendo seu poder sobre as decisões governamentais de planejamento urbano, operando-se, assim, o negligenciamento de áreas periféricas e populares e a privatização da segurança pública (GONÇALVES e LIRA, 2019).

A circulação diária pelas vias públicas passa a ser vivenciada com estresse, que é potencializado pelas excessivas medidas de segurança. O medo da violência, que gera nos indivíduos paranoia, pânico, ansiedade, para Almeida, Maiorino e Camillo (2016), está intimamente ligado à segregação. Passa-se a ter um olhar desconfiado para quem difere de si e o morador de rua é convertido em ladrão (ALMEIDA; MAIORINO; CAMILLO, 2016; AMADOR e FERNANDES, 2016).

Um desenho urbano que favoreça a vigilância natural, o controle natural dos acessos pelos próprios transeuntes e moradores, a territorialidade e manutenção dos espaços públicos são apontados por Gonçalves e Lira (2019) como fatores de prevenção do crime. Enquanto a territorialidade se exprime na sensação de pertencimento ao local de habitação e circulação, a necessidade de caminhar pelas ruas e de observar ao redor se torna intuitiva em regiões projetadas para acomodar a diversidade de usos, pessoas e funções.

Só em sociedades abertas ao diálogo e à negociação, nas quais as incertezas quanto às escolhas e atitudes do outro não se converteriam em justificativa para seu aniquilamento, as

liberdades individuais estão salvaguardadas. Para Barroso (2011), a conquista e preservação das liberdades pressupõe o zelo pelo coletivo, pelo público, e pelo exercício da cidadania ativa, entendida aqui como a participação direta do cidadão no processo da tomada de decisões de interesse público (BENEVIDES, 1994), o que permitiria exercício dessas liberdades pelo maior número de sujeitos.

Apostar na convivência entre diferenças e no exercício da solidariedade, de modo que a liberdade do outro não represente insegurança ou ameaça, e que ser livre não se reduza a poder participar das relações de consumo, são apontados por Barroso (2011) como o caminho certo para a responsabilização subjetiva quanto à promoção de qualidade de vida para todos os habitantes da cidade. Isentar-se dessa responsabilidade ante a coletividade traduz-se, por conseguinte, em alavanca para a segregação e a exclusão.

Mais leituras serão feitas sobre a forma de vida em condomínio e sobre sua relação e de seus moradores com a cidade que o instala, a fim de auxiliarem tanto na compreensão do lugar que ocupa o outro que habita a cidade no discurso daqueles que vivem intramuros, quanto na compreensão da visão que esses últimos têm sobre a vida na cidade, sobre sua participação nessa vida e responsabilização pelas problemáticas que lhe são próprias.

### **3. DELINEAMENTO METODOLÓGICO**

#### **3.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA**

O presente trabalho delinea-se como um estudo qualitativo, tendo como abordagem o método dialético, por propiciar uma aproximação do objeto a partir da concepção de que este se constitui e se transforma num movimento contínuo, apontando para a transitoriedade e influência recíproca das coisas como estão (MARCONI e LAKATOS, 2017).

Lançar-se-á mão no presente estudo do método estruturalista desenvolvido por Lévi-Strauss a fim de poder acostar-se às leis que regem as relações entre os moradores de condomínios fechados de classe média alta em Salvador/BA com a cidade e com o outro que habita fora dos muros do condomínio, como também da vida intramuros, o que Dunker (2015) nomeia de “vida em forma de condomínio”.

### 3.2 PARTICIPANTES

Participaram do estudo 04 (quatro) adolescentes entre 15 e 17 anos, qualificados para a discussão em foco neste Trabalho de Conclusão de Curso por sua classe social e vivências cotidianas em condomínios fechados de Salvador/BA (GATTI, 2005). A categoria “adolescente” empregada neste trabalho obedeceu aos limites etários estabelecidos pelo Art. 2º da Lei nº 8.069/90, o Estatuto da Criança e do Adolescente (BRASIL, 1990), e os participantes foram classificados como pertencentes à classe média alta conforme disposto no Novo Critério de Classificação Econômica Brasil, da Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa (ABEP, 2020). Sua seleção se deu por conveniência e acessibilidade, sendo escolhidos os quatro primeiros adolescentes que pronta e voluntariamente se disponibilizaram a participar da investigação. Foi-lhes solicitado que escolhessem para si um nome fictício para ser utilizado na pesquisa, informassem sua idade, local de residência e instituição de ensino onde estudam, sendo os dados coletados dispostos no quadro abaixo:

**Quadro 1** – Participantes da pesquisa

Adolescente	Idade	Onde reside	Onde estuda	Participação nos encontros	
				1º dia	2º dia
Paulo	16	Le Parc	Itaigara	X	
Rafael	17	Horto Bela Vista	Colégio Sartre, no Itaigara	X	X
Rosa	16	Caminho das Árvores	Colégio São Paulo, no Itaigara	X	X
Val	15	Horto Bela Vista	Colégio Sartre, no Itaigara	X	X

**Fonte 1** – Construído pelo autor

Aos adolescentes foi solicitado ainda que manifestassem formalmente sua aceitação em participar do estudo, assinando o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE). Por fim, sua participação na pesquisa foi consentida por genitor ou responsável por meio de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) devidamente assinado.

O contato inicial com os responsáveis e os adolescentes para o lançamento do convite a participar da pesquisa se deu por meio de chamada telefônica, e foi feito pelo pesquisador, optando-se, segundo a conveniência e acessibilidade, por pessoas de seu convívio. Este primeiro contato objetivou esclarecer sobre desenvolvimento da pesquisa, obter informações

referentes à identificação pessoal do adolescente, assim como, agendar hora e local para a coleta de assinaturas dos Termos de Assentimento Livre e Esclarecido e de Consentimento Livre e Esclarecido.

### 3.3 INSTRUMENTOS E PROCEDIMENTOS PARA PRODUÇÃO DE DADOS

Para a produção dos dados, foi usada a técnica do grupo focal, por permitir compreender processos de construção da realidade de dado grupo social, suas práticas cotidianas, ações e reações a fatos e eventos, seus comportamentos e atitudes. O grupo focal, no dizer de Gatti (2005), constitui uma técnica importante para o conhecimento das representações, percepções, crenças, hábitos, valores, restrições, preconceitos, linguagens e simbologias prevalentes no trato de uma dada questão por pessoas que partilham traços em comum, relevantes para o estudo do problema visado.

A opção pelo uso da a técnica do grupo focal aplicada a adolescentes no presente trabalho de conclusão de curso justifica-se pelo fato de o grupo focal permitir identificar e analisar em ato, ou seja, no diálogo e interação entre os participantes, o poder de orientação e repressão dos significantes mestres no ordenamento discursivo, assim como elucidar qual lugar possível para o sujeito no discurso agenciado pelo mestre. Optou-se ainda por adolescentes pelo fato de este público permitir analisar a apropriação de suas falas por aqueles significantes que regem a lógica da vida nos condomínios e as representações que lhe são subjacentes, tendo por premissa que, para além de tal articulação significativa ter sido recebida do Outro do discurso, o foi também do outro paterno, materno.

Foram realizados 02 (dois) encontros, o primeiro no dia 28/10/21 e o segundo no dia 03/11/21, sempre às 18h30, seguindo a disponibilidade dos participantes e na presença do pesquisador, com duração de 34 minutos e de 41 minutos, respectivamente. Considerando-se os protocolos de cuidados e atenção exigidos enquanto dure a pandemia do COVID-19, os encontros aconteceram pela plataforma virtual *Zoom*, em total observância às orientações para procedimentos em pesquisas com etapas realizadas em ambiente virtual contidas no Ofício Circular nº 2/2021/CONEP/SECNS/MS. Os encontros foram gravados, com a anuência dos participantes.

No primeiro encontro, foram utilizadas as imagens de rua e de praça pública constantes no Anexo 2. Após a exibição de cada imagem, foram lançadas as seguintes perguntas disparadoras:

1. O que vocês veem nesta imagem?
2. Que pensamentos lhes vêm ao olhar para esta imagem?
3. Que sentimentos lhes vêm ao olhar para esta imagem?
4. Na conclusão, perguntar-se-á como foi para cada um participar deste encontro.

No segundo encontro, desta vez sem o uso de imagens, foram utilizadas as seguintes perguntas disparadoras:

1. Quando foi a última vez que vocês frequentaram uma praça pública? Onde foi e como foi a experiência?
2. Quando foi a última vez que vocês caminharam pelas ruas da cidade? Onde foi e como foi a experiência?
3. O que vocês encontram ao circular pela sua cidade?
4. Que pensamentos ou sentimentos lhes vêm ao circular pelas ruas de sua cidade?

### 3.4 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE DE DADOS

As falas e interações dos participantes foram transcritas em sua integralidade e analisadas com fundamento na Análise Lacaniana de Discurso proposta por Ian Parker (2005), detendo-se o presente estudo nos elementos teóricos das qualidades formais do texto e da ancoragem da representação que a caracterizam, assim como foram submetidas a análise segundo a teoria dos quatro discursos desenvolvida por Jacques Lacan no *Seminário: O avesso da psicanálise* (1992). Nesse Seminário, Lacan apresenta as formas de vínculo social estruturando-se segundo quatro modalidades de discursos: do mestre, universitário, da histérica e do analista. Segundo o autor:

[O discurso sem palavras] subsiste em certas relações fundamentais. Estas, literalmente, não poderiam se manter sem a linguagem. Mediante o instrumento da linguagem instaura-se um certo número de relações estáveis, no interior das quais certamente pode inscrever-se algo bem mais amplo, que vai bem mais longe do que as enunciações efetivas (LACAN, 1992, p. 11).

Lacan traz no *Seminário: ...ou pior* (2012) que o discurso que faz laço tem a estrutura fundamental de uma demanda dirigida ao Outro, demanda inconsciente fadada a não ser completamente atendida, o que se resolveria com a criação de uma fantasia, no caso em estudo, a fantasia do condomínio. É a partir do soerguimento e queda dessa fantasia que este trabalho se propõe a identificar e analisar os sentimentos e significados presentes no discurso desses

adolescentes que vivem em condomínios fechados relativos ao outro que habita para além dos muros e à cidade.

### 3.5 CONSIDERAÇÕES ÉTICAS

Este estudo é realizado conforme os parâmetros estabelecidos pelo Código de Ética Profissional do Psicólogo, e será submetido à Plataforma Brasil. Serão seguidas as normas da Resolução n° 510/16 do Conselho Nacional de Saúde (CNS), que fornece diretrizes da pesquisa envolvendo seres humanos nas Ciências Humanas e Sociais. Os pesquisadores comprometem-se a iniciar a pesquisa somente após a emissão do parecer favorável do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Católica do Salvador (UCSAL).

Na pesquisa em Psicologia, Barker, Pistrang e Elliot (1994) agrupam os princípios éticos em torno de três eixos: consentimento livre e esclarecido, garantia da confidencialidade e proteção da privacidade, e minimização de potenciais prejuízos ou privação de benefícios.

Com o objetivo de cumprir as normas éticas inerentes à pesquisa científica, utilizamos o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE (Apêndice A), assinado presencialmente pelo(a) responsável legal pelo adolescente, em local previamente acordado entre responsável e pesquisador, sem que implique em deslocamento para aquele, e no qual está consignado que os participantes entendem ser o material produzido na pesquisa mantido arquivado sob responsabilidade do pesquisador. Uma vez manifesta sua concordância em participar da pesquisa, será colhida a assinatura do(a) adolescente no Termo de Assentimento Livre e Esclarecido – TALE (Apêndice B), em local previamente acordado entre adolescente e pesquisador, com a expressa anuência de seu/sua responsável, sem que isso implique em deslocamento para o(a) participante. Reste consignado que o TALE tem por finalidade informar sobre os objetivos da pesquisa, sua justificativa, participação voluntária e não remunerada, sigilo e privacidade, os procedimentos da pesquisa e os possíveis riscos e benefícios para o participante. A este, está garantido ainda o direito de não responder qualquer questão, sem necessidade de explicação ou justificativa para tal, podendo também se retirar da pesquisa a qualquer momento.

Quanto aos riscos inerentes a pesquisas com seres humanos e, mais especificamente no presente estudo, que lança mão do trabalho em grupo focal e desenvolve-se parcialmente em ambiente virtual, caso ocorram conflitos entre os participantes, dano ou lesão a direito ou bem da personalidade de algum participante, tais como integridade psíquica, saúde, honra, imagem

ou privacidade, em decorrência das características ou resultados do processo de pesquisa; caso o participante se sinta violado em sua dignidade e liberdades fundamentais, discriminado ou estigmatizado; e caso ainda se sinta vítima de preconceito ou tenha sua privacidade invadida e escolhas e opiniões reprovadas pelo grupo de forma a lhe causar algum constrangimento, lhe será assegurado o atendimento psicossocial gratuito no Centro de Acompanhamento Psicossocial UCSAL – CEAPUC (Anexo A), que fica na Av. Prof. Pinto de Aguiar, 2589, no Campus Pituaguá da Universidade Católica do Salvador, telefone (71) 3206-7812.

Ressalte-se que o ambiente virtual ainda traz riscos decorrentes da circulação de dados na rede, concernentes ao sigilo e à confidencialidade das informações prestadas pelos participantes da pesquisa. A fim de mitigar tais riscos, para participarem dos encontros na plataforma virtual Zoom, os adolescentes serão orientados a buscar um ambiente isolado, livre da circulação de outras pessoas. Deverão ainda usar fones de ouvido com microfone, assim como assegurar-se que seus equipamentos estejam com antivírus instalados e devidamente atualizados. Os dados produzidos durante os encontros virtuais não serão fornecidos a terceiros ou comercializados, assim como as reuniões não terão seus conteúdos monitorados, conforme Política de Privacidade do Zoom. Uma vez concluída a coleta de dados, o pesquisador fará download das gravações para um dispositivo eletrônico local de sua exclusiva propriedade, apagando todo e qualquer registro da plataforma utilizada.

Quanto aos benefícios atuais aos participantes do presente estudo, há de se destacar a possibilidade de reflexão sobre a vida no interior dos condomínios, sobre sua relação com os moradores dos mesmos e com aqueles que habitam a cidade, para além dos muros do condomínio; refletir sobre a função da cidade e o papel de cada cidadão na construção de uma cidade que acolha a si e ao outro, assegurando-lhes igual possibilidade de acesso a equipamentos e serviços. Ser-lhes-á dada ainda a possibilidade de refletir sobre os processos subjacentes à atribuição dos predicados historicamente associados a seus pares e a aqueles que lhes são estranhos, indiferentes, ou provocam algum medo. Como benefícios potenciais, entende-se que o presente estudo, complexizando a vida em condomínios e na cidade, possa alargar o olhar desses adolescentes até então lançado sobre as problemáticas em âmbito social, político e econômico inerentes à gestão da coisa pública, possibilitando aos participantes questionar-se sobre seu papel enquanto cidadãos e sujeitos de direitos e deveres para com sua cidade e a inteira coletividade de concidadãos. Ofertado à comunidade acadêmica e à sociedade inteira, este estudo se propõe a ajudar na reflexão sobre as cidades e cidadãos que os atuais apelos e promoções de determinados estilos de vida estão formatando, seus benefícios e prejuízos, a fim de fomentar ou dar subsídios para a elaboração de modelos alternativos, que

presem pelo encontro e convívio das diferenças, pela universalidade e equidade na oferta de bens e serviços aos habitantes da cidade, e pela garantia de seus direitos fundamentais.

#### 4. ANÁLISE E DISCUSSÃO

A fala é um instrumento eminentemente simbólico, pois pressupõe a existência de um outro a quem se dirige e com quem estabelece uma espécie de pacto. Por meio da promessa, do engano, ou até mesmo da transgressão, nossa fala age no interior de um regime de performatividade que exprime o desejo não como vontade de ter objetos, mas como desejo de reconhecimento. Assumir uma imagem, assim, não implica apenas uma dimensão imaginária, mas é, antes de tudo, um ato simbólico, por inscrever e representar o desejo do sujeito como desejo do Outro, para o outro. Quando escolhemos nos apresentar e representar por uma imagem, dizemos não apenas como queremos ser lidos, mas também como queremos ser reconhecidos, por quem queremos ser reconhecidos e, em certos casos, que queremos apenas ser reconhecidos, tornando-se secundário o "como" e o "por quem" (DUNKER; PAULON; MILÁN-RAMOS, 2016, p. 190).

Na relação entre inconsciente e sociedade, inconsciente e cultura, o sujeito do inconsciente é revestido pela linguagem, fruto esta dos saberes e normas compartilhados socialmente e articulados numa dada estrutura significante que, por sua vez, sofre atualizações históricas, originando novos arranjos discursivos, novos discursos transindividuais. É na referência significante de seu tempo e sua gente que o sujeito assumirá uma posição discursiva (LARA JÚNIOR; DUNKER; PAVÓN-CUÉLLAR, 2019). No recorte da fala de Rafael trazido logo abaixo, podemos colher algo da referência significante e do saber compartilhado por seu grupo social quanto às pessoas que moram no condomínio e aquelas que encontramos pelas ruas:

*Na rua, você não conhece a pessoa, você não sabe qual a índole dela, mas a pessoa que você mora, convive aqui no condomínio, você pode até ter uma certa confiança porque ou ela mora lá ou ela é visitante, convidada de uma pessoa que mora; então dá pra confiar mais nela. (Rafael)*

A fala de Rafael evidencia um saber que o precede e o contém, um saber organizado pelo Outro do discurso e assumido de tal forma por Rafael que o habilita a exprimir uma espécie de conhecimento *a priori* sobre a índole dos habitantes da cidade e do condomínio, estabelecer padrões e polaridades, assim como sentimentos de confiança e de certa intimidade ou proximidade com relação a estes e de desconfiança quanto àqueles. Ser morador do

condomínio, ou ter-lhe acesso por laços de parentesco ou amizade, aparece no discurso de Rafael como suficientes ou, ao menos, predisponentes ao estabelecimento de uma relação de confiança, enquanto a dúvida sobre a índole é relegada aos que encontra pelas ruas. Estão estabelecidos, assim, os lugares e grupos que alojam a maior ou menor confiança, a boa ou má índole.

Em sua escrita dos discursos, Lacan (1992) os estabelece como uma articulação significativa, um aparelhamento que, de alguma maneira, tenta dominar o estatuto vigente e governar tudo o que pode surgir por ocasião da palavra (VEGH, 2011). O discurso é, para o sujeito, além da possibilidade mesma de que este venha a habitar a linguagem, a possibilidade de fazê-la entrar numa legalidade. Para o autor, impor uma lei à linguagem é fazê-la ordenar-se em forma de discurso.

O termo linguagem, em Lacan, conota um conjunto de significantes ordenado simbolicamente, mas esvaziado de substância e ancorado na noção do Outro como deserto de gozo. Já o discurso, na teoria lacaniana, aparece como o avesso concreto dessa noção: uma linguística desde sempre saturada de gozo e marcada pelos impasses históricos de um agrupamento concreto de viventes (DARRIBA e D'ESCAGNOLLE, 2017).

Para construir sua teoria dos discursos, Lacan (op cit.) se utiliza de quatro letras (sujeito barrado, significante mestre, saber e o objeto a-mais-de-gozar) dispostas em quatro posições fixas (agente, outro, produção e verdade) que, embora obedecendo a uma lei interna de composição do grupo e não escapando ao conjunto, admitem a rotação. O movimento de um quarto de volta das quatro letras nos quatro lugares do matema representa as mudanças de posição subjetiva possíveis e a conseqüente inscrição do sujeito num dado discurso. A letra dominante, aquela que ocupa o lugar de agente, é ela quem dá nome ao discurso: Discurso do Mestre ( $S_1$ ), Discurso da Histórica ( $\$$ ), Discurso Universitário ( $S_2$ ) e Discurso do Analista ( $a$ ). Para Vegh (2001), todo sujeito capaz de enunciar um discurso passa, necessariamente, pelos quatro discursos. Isso significa dizer que não há modo algum de viver sustentado em apenas um deles.

O  $\$$  refere-se ao sujeito dividido entre o saber e o gozo. A barra que atravessa o sujeito é a barra do recalque primário instituinte do sujeito da falta. Ela atesta que algum gozo fica excluído do campo do Outro, o que comporta o surgimento do objeto  $a$  como o resto inevitável (VEGH, *ibid.*). Para Carreira (2009),  $\$$  é ainda aquilo que emerge entre dois significantes, ou seja, da falha ou fenda que pode se abrir do  $S_1$  ao  $S_2$ . Dessa operação resulta um resto, efeito daquilo do discurso que se rechaça, que se perde ao falar e atesta a impossibilidade de dizer

tudo. O que se perde, porém, é também o que põe o sujeito em movimento, reinstalando aquele vazio que incessantemente se tenta contornar com a eleição de novos objetos parciais.

O sujeito como efeito de uma relação  $S_1 \leftarrow S_2$  bloqueada não dialetiza, no dizer de Lara Júnior, Dunker, Pavón-Cuéllar (2019). Segundo esses autores, para passarmos da subjugação à subjetivação, o sujeito resultado de significados precisa realizar o deslocamento da relação  $S_1 \leftarrow S_2$  bloqueada, fazendo com que  $S_1$  refira-se a um grupo mais amplo de  $S_2$ , seja pela introdução de novos  $S_2$ , seja desafiando esse  $S_1$  com a ascendência de um novo  $S_1$ .

$S_1$  é o traço, o significante do gozo, o traço que representa o sujeito sempre para outro significante e surge, é gerado, no campo do Outro. Esse traço unário que comporta a marca do sujeito está sempre em relação ao Outro, a seu saber e a sua falta (VEGH, 2001). O autor apresenta ainda  $S_2$  como o significante que condena o sujeito a desaparecer sob esse Outro significante; como o significante afanizante, uma vez que vem do campo do Outro, são as palavras do Outro. O sujeito, antes mesmo de ser representado pelo traço unário, já desaparece sob o efeito da afânise de  $S_2$ .

Por fim, como quarta letra e quarto elemento da escrita lacaniana dos discursos, temos o *a-mais-de-gozar* que, para Vegh (ibid.), é aquilo que se repete ao que se resiste em perder, por isso é mais, é excesso de gozo. Quanto aos objetos *a-mais-de-gozar*, produtos de nossa sociedade cientificista e capitalista, Soler (2011) nos recorda que não só não conseguem estancar, obturar as aspirações humanas, como aumentam o sentimento de falta a gozar que é, não raro, devastador.

A partir da ideia do inconsciente como discurso do Outro, Dunker, Paulon, Milán-Ramos (2016) extraem algumas propriedades do discurso: seu retorno invertido sobre a fonte, tendo o sujeito dividido como produto; a possibilidade de o destinatário reconhecer-se na mensagem, tomando-a por sua e antecipando, assim, sua conclusão; e que essa mensagem provém e é intermediada por um terceiro, o Outro, esse tesouro do significante. Se alguém fala, é porque antes foi falado pelo Outro. O que se fala, é a partir da bateria de significantes recebidos do Outro que se fala (VEGH, 2001).

A articulação significativa, como legalidade imposta à linguagem que faz discurso, quando feita fala por um sujeito específico, reveste de palavras, mas também de silêncios, parênteses ou titubeios. Ao faltar o significante, resto que do Real resiste em ser simbolizado, abre-se para o sujeito uma fenda, a possibilidade de que uma nova cadeia significativa se constitua, trazendo um outro olhar sobre a realidade. O lugar do tropeço no discurso pode ser também a chance do caminhante de girar o mapa, traçar um novo itinerário ou até mesmo mudar

de rota. A distinção que Val estabelece entre as regiões de sua cidade, o faz segundo lhe aparentam, embora assuma em seu discurso a possibilidade do equívoco:

*Tem os lugares, como ela disse né, os extremos, que são os lugares que são mais perigosos e tem os lugares que são assim, de luxo, que sei lá, são mais seguros, aparentemente. Mas também podem não ser, né? (Val)*

Para Vegh (2001), os discursos tratam das modalidades possíveis de estabelecimento do laço social entre o sujeito e o outro, assim como das modalidades de gozo que lhe são subjacentes. O discurso como laço social não se reduz à soma das falas individuais, mas é a condição mesma da possibilidade de conjugação de enunciados possíveis. Tarefa elementar de um analista do discurso é examinar os fundamentos e mecanismos linguístico-discursivos de um acontecimento ou experiência transformativos. Ele se interessa por uma espécie de anatomia da transformação e, para isso, deve familiarizar-se com os principais mecanismos e recursos linguístico-discursivos que podem introduzir variações e mudanças na situação enunciativa, na interlocução, na própria língua, enfim, transformações no sujeito e no mundo (DUNKER; PAULON; MILÁN-RAMOS, 2016).

Rosa, ao ser convidada a falar de sua cidade, apresenta uma Salvador dividida entre luxo e escassez, entre segurança e perigo, entre cá e lá, nós e eles. Rosa nos mostra a cidade que habita a partir do lado de dentro do carro, com o cuidado de manter os vidros levantados enquanto observa, a portas travadas, atenta em “não ir muito longe não”, como diz noutro momento. Rosa fala não só de sua cidade, mas daqueles nos quais se reconhece, e dos outros a quem sabe dever temer, manter longe ou de fora.

*Ela [Salvador] é formada por extremos. você tem lugares bem de luxo, bem arrumados, bem seguros e tudo mais, condomínios que você pode andar livremente. Só que você também tem bairros muito pesados, tipo, é como no Brasil todo, você tem vários extremos na mesma cidade, entendeu? Lugares bem seguros, bem cuidados e enfim, e lugares não tão seguros, favelas e tudo mais, que você já sabe que não pode passar de carro por lá porque você já fica com medo e tal. É formada por extremos. (Rosa)*

Os condomínios de luxo e as favelas vão sendo erguidos, assim, não só com concreto ou lona e papelão, mas simbolicamente, como cadeias significantes que intentam fazer unidade do que é dividido, silenciar, apagar ou afastar o que perturba, o que escapa e não se deixa dominar. Os discursos são, segundo Dunker (2015), uma forma particular de cifragem do sofrimento como sintoma, atuando, assim, como unificadores sociais e como dispositivos de reconhecimento e nomeação do sofrimento. Neles, estão presentes os elementos necessários para se pensar o sintoma: alienação e divisão subjetiva; constituição e estrutura; posição de verdade e liberdade; gozo como satisfação inconsciente; e produção como lei da troca social.

Os discursos intentam contornar o Real, evitando o mal-estar aos modos da impotência ou da impossibilidade. Os impossíveis de governar, fazer desejar, educar e curar, que remontam aos três ofícios impossíveis presentes no livro *Análise terminável e interminável* (Freud, 1980), integram a dimensão histórica do sintoma à teoria lacaniana dos discursos, abrindo caminho para uma análise propriamente histórica das formas de nomeação do mal-estar, das tentativas de captura das fontes do sofrimento coletivo, de compreensão das transformações nos modos de apresentação do sofrimento psíquico e da hegemonia ou predominância de certos sintomas em dado período histórico (DUNKER, 2015). Para Darriba e D'Escragnolle (2017), cada discurso põe em relevo o contexto histórico de sua emergência e ancoragem, bem como seu irreduzível caráter contingencial e particular. É essa singularidade concreta, estatuto próprio dos fenômenos históricos reais, que a noção de discurso possibilita cernir em primeiro lugar.

Os muros de nossos dias, marcados pelo individualismo e esvaziados de alteridade, vêm dar sustentação à conseqüente frágil demarcação do limite entre o eu e o outro, validando determinada experiência e recusando, banindo, deslegitimando pela hostilidade em forma de cão raivoso ou cerca elétrica toda experiência que possa vir a ameaçar a estabilidade do eu. A pregnância do discurso hegemônico em torno do condomínio – articulado como demanda contra o outro da cidade – à fala de Rosa, pode ser verificada no recorte abaixo:

*Na verdade, a gente não sabe o tipo de pessoa que a gente tá encontrando e esse que é o problema, entendeu? Porque você não tem o controle, então você não tem como saber. Agora é aquela coisa que a gente disse, como no condomínio, tipo, a pessoa precisa literalmente de uma permissão de alguém que já mora lá pra entrar, então é uma coisa mais limitada, uma coisa teoricamente mais controlada. Não é literalmente qualquer um que pode entrar lá e você se sente mais seguro. (Rosa)*

Se está no interior do condomínio, é porque, ou nele reside, ou do residente obteve autorização para nele entrar. O que há dentro dos muros do condomínio? Segurança. Ele foi idealizado e projetado para isso, para transmitir segurança aos condôminos. Desde que a portaria funcione, os muros e cercas mantenham-se intransponíveis, não há porque temer esse outro a quem foi permitido circular no interior do condomínio. Afinal, como Rafael diz noutro momento, *as pessoas que estão dentro do condomínio, querendo ou não, são pessoas próximas, né?* Não há estranhos lá dentro.

Para Vegh (2001), o discurso do mestre, ou do inconsciente, traz o significante mestre  $S_1$  no lugar do agente. Nesse discurso, o  $S_2$ , significante que representa o saber, está no lugar do outro, é extraído de seu trabalho. Ao mestre, não interessa o saber, já que o obtém do escravo. Ao mestre, o que interessa é que as coisas funcionem, mantenham-se em movimento sob a égide da lei. A emergência da subjetividade, neste caso, está destinada a permanecer recalcada sob a barra.

*Aqui embaixo, quando eu era menor, eu descia bastante pra ficar brincando com meus amigos, jogar bola, pega-pega, esconde-esconde, essas coisas... A única coisa que eu tenho a acrescentar é que muitas coisas que o prédio antes de ser construído tinha dito que iriam implementar ao longo do tempo, tipo uma área de clube e uma academia. Mas infelizmente não aconteceu e o máximo que eles botaram de academia foi uma área de exercício pra idosos. Aí acabou que agora quando eu tô maior, não tem nada pra fazer lá embaixo. É triste, né? Eles disseram que queriam colocar e não colocaram. Eu queria bastante que tivesse uma academia aqui no meu prédio, porque iria facilitar bastante. Ao invés de eu ir para alguma academia, sei lá, no shopping, eu poderia vim pra academia do meu prédio. Ia facilitar o meu dia a dia, porque ia facilitar a trajetória e tal e não teria um custo extra. Em sentido de trajetória mesmo, não ter que transitar pelo shopping, ao invés de eu, sei lá, descer o elevador e já dá de cara com a academia, sabe? (Rafael)*

Rafael reporta nessa sua fala uma tristeza, algo de infelicidade provocadas por esse – o condomínio – a quem confiou sua falta, a quem dirigiu sua demanda de atenção integral, de suplência e sutura de sua falta a ser, falta a ser totalmente cômodo, totalmente funcional. Esse outro que, no final, se mostrou incapaz de substituir-se ao objeto causa, que deixou algum resto por satisfazer. Outro, porém, a quem Rafael continua a demandar e reclamar sua insatisfação; a fazer-se de objeto; outro que lhe permite continuar gozando.

No discurso da histórica, tem-se no lugar do agente, como efeito de sua entrada na linguagem, o sujeito barrado, cindido, aquele que perdeu a identidade, que se constituiu por uma perda no ser; impedido de aceder pela castração a seu objeto causa; apartado de seu gozo, convertido para ele em algo de traumático. Esse sujeito dividido se dirige ao significante mestre que está no lugar do outro. O sujeito  $\$$ , agente do discurso, dirige-se ao outro procurando um mestre, e interpela-o, na busca de produzir algum saber que diga a verdade sobre seu desejo. É propondo-se como objeto de desejo do outro do discurso que o sujeito histórico intenta saber algo sobre seu próprio desejo (CASTRO, 2012; VEGH, 2001).

Como a ascensão à verdade sobre seu desejo está barrada ao sujeito no discurso histórico, o agente do discurso está impossibilitado de expressá-lo exatamente para o outro. É demanda de saber sobre si próprio, para além da de fazer-se desejar, que o sujeito lança para o outro do discurso. Adaptar-se ao desejo presumido do Outro é pressupor e extrair do Outro algum saber sobre si mesmo. O sujeito histórico apresenta-se como um ponto de interrogação ambulante, um sintoma em busca de interpretação. Seu desejo manifesta-se como interpelação do outro do discurso, encarregando-o de fornecer-lhe um significante mestre que produza algum saber sobre quem é, o que quer o sujeito, um saber que tente dar conta da causa de seu desejo.

Para Castro (op. cit.), a marca da impotência no discurso histórico está na incapacidade dos significantes alojados e recebidos do Outro de darem conta da falta estrutural do sujeito. A insuficiência primeira do Outro, neste discurso, consiste em fornecer um saber sobre o objeto *a* que conecte o desejo e o gozo de seu agente. Insatisfação do desejo, contudo, não implica para

o sujeito histérico, corolário do discurso histérico, ausência de gozo. Na histeria, extrai-se algum gozo da privação, goza-se de não gozar, de subtrair-se como objeto, mantendo o outro insatisfeito e, por isso, desejante. O controle, que no condomínio se propõe total, deixa algum resto para Rosa, um resto que lhe escapa, que está além, e que faz com que Rosa continue dirigindo sua demanda de controle ao condomínio, ao tempo em que lhe repete “não é isso”, furtando-se como objeto e a se deixar satisfazer pela oferta do Outro. É o que podemos colher da fala abaixo:

*Assim, não é tão seguro você pegar um transporte público aqui, muito menos você ir andando a pé ou coisa e tal. E isso é algo que me implica muito, porque sou uma pessoa que gosto muito de sair e aí sempre eu sou impedida por algo que tá além do meu controle, sabe? Mas tipo, fora isso, eu gosto de morar em Salvador, eu adoro ir pra praia com os meus amigos, que é algo que tem aqui, ir pra praça pública, que nem a Ana Lúcia que é a que eu mais frequento, também é bem divertido, eu gosto. Tenho vários amigos, eu gosto muito da cultura do lugar e tal, sair andando e passear pela Barra, tem lugares lindos pra você ver quando você vai, a paisagem é linda e o clima também é bem bom, mas tipo, isso da segurança de você sair quando você quiser pega muito. Até porque eu tenho uma amiga que mora fora, aí eu vejo ela voltando três da manhã sozinha no metrô e os pais têm total confiança e você sabe que não vai acontecer nada, então... (Rosa)*

Nessa fala de Rosa, evidencia-se o quanto o significante segurança, que, como dominante do discurso, intenta tudo dizer, ou tudo saber sobre o condomínio, sobre a cidade e sobre Rosa, o quanto é impossível que esgote o saber sobre o objeto causa do desejo deste outro do discurso, que lhe discipline. O sujeito Rosa, como produto do discurso, demonstra estar apartada do que poderia lhe fazer gozar, distante do gozo que está, porém, acessível ao outro. Impedida de aceder ao objeto causa, é a verdade sobre si, sobre seu traço, que lhe vem vetada ao final.

O tudo saber, alçado no discurso universitário ao lugar do senhor, o senhor moderno, reduz a realidade e as possibilidades mesmas de existência às determinações da ciência. A modernidade, marcadamente científica e capitalista, ao tentar capturar e subjugar as modalidades de satisfação ao saber técnico, inaugura uma nova economia libidinal. A absolutização da ciência moderna, aliada à absolutização do mercado no lugar de agente do discurso, produzem um sujeito espólio de gozo, incapaz de aceder à verdade sobre si e sobre seu objeto causa. Darriba e D'Escragnolle (2017) falam de discurso universitário, e não de discurso do universitário, haja vista que esse discurso visa salvaguardar uma suposta impessoalidade e neutralidade, de componentes éticos ou políticos não manifestos. Pretendendo-se, assim, um discurso objetivo e objetivante, privado de subjetividade e redutor da realidade à mecânica do mundo natural, o discurso universitário precisa recalcar sua arbitrariedade enunciativa e sua autoridade de caráter eminentemente político.

No discurso universitário, debaixo do outro tem-se o sujeito no lugar da produção, um sujeito que deixa clivada a dimensão do objeto, alojado no outro, do traço unário, recalcado, abaixo do saber inconsciente. Dito de outro modo, o  $S$  posto no lugar da produção fica ainda separado do objeto de gozo que faz a marca de seu traço (VEGH, 2001).

*Eu não tenho certeza, porque é isso, eu vou desde que eu era pequena, sabe? É um costume que eu tenho. Também é perto da minha casa, sabe? Também tenho várias amigas que moram perto. Tanto que nesse dia a gente foi, no dia das crianças, né, eu fui andando da casa dela pra [Praça] Ana Lúcia e tal. Aí é uma coisa que eu já tô acostumada e é fácil acesso pra mim. (Rosa)*

A praça, nessa fala de Rosa, não obstante todo o apelo ao medo, ao perigo, insegurança, tem seu acesso facilitado pelo costume. Olhando de perto, sem a proteção do vidro ou travas das portas do carro, Rosa vê mais. O costume lhe permite ter uma visão menos parcial, uma visão ligada a outras cadeias significantes: talvez aquelas de suas memórias da infância, dos laços de amizade fortalecidos pelos encontros nesse lugar comum e de confluência da vizinhança que é a praça. Não digamos que Rosa deixaria de ter “um pé atrás” ou passaria a se sentir 100% confortável andando na rua, mas, se permitindo haver-se com seu desejo, confrontar-se com quem lhe faz semblante de *a*, Rosa se veria podendo produzir novos significantes mestres e, a partir deles, novos saberes passariam a ocupar o lugar da verdade de seu discurso.

Ao tratar do discurso do analista, Lacan põe no lugar de agente do discurso o semblante de *a*, tendo presente que *a* é justamente o que, do Real, não se deixa governar, educar, fazer desejar ou curar sem resto. O *a* assinala aquilo que resta de não subjetivado. Fazer semblante de *a* como agente do discurso é fazer de conta que motiva a vinda do desejo do sujeito dividido, que é a causa de seu desejo. O Outro, aqui, passa do Outro gozador desse resto (*a*), para um Outro envoltório de *a*, ou seja, do vazio, deixando transparecer sua barra, revelando-se também ele um não-todo. No discurso do analista, o  $S_1$  é algo que se conseguiu produzir. É pelo discurso do analista que existe alguma chance de se obter outro estilo de significante mestre, um que seja menos tolo. Por fim, no lugar da verdade está o saber inconsciente, fazendo com que o sujeito esteja mais advertido sobre o conjunto de seu saber (VEGH, 2001).

Sobre o semblante, Dunker, Paulon, Milán-Ramos (2016) o definem como a aparência tomada como capaz de produzir falsas unidades e falsas universalidades que habilitam relações de troca e troca de relações. É um dispositivo que reúne significantes, ditos, letras e signos que se apresentam como uma unidade, uma falsa unidade que supõe um ser falante autônomo e livre no uso da linguagem.

A psicanálise comporta-se como uma teoria da ação negativa da linguagem, ou como uma teoria da opacidade do sentido. Estudar a estrutura do sentido a partir do trabalho negativo da linguagem implica um método baseado na localização das manifestações de não-saber e na suposição de haver aí uma verdade. Portanto, são as oposições, os contrastes, a articulação das diferenças, e não as positivities, que devem presidir a investigação psicanalítica do discurso. Para a psicanálise, a inscrição do sujeito na linguagem não se dá por meio da posse ou soma de seus enunciados, mas pela constância de uma relação de discordância ou de negatividade entre eles, por meio da qual se posiciona e se mostra, ali mesmo onde se esconde e resiste a dizer.

*Eu acho que, dependendo da região da cidade, né... Uma região assim acho que é uma região mais nobre. Em uma região mais afastada da cidade, possuiria menos luzes, não teriam equipamentos novos, não estariam bem pintados, o governo distribuiria o dinheiro de forma diferente e não ficaria exatamente bonito desse jeito se fosse um lugar mais afastado, mais na periferia. Acho que seria um pouco diferente isso e talvez não tão acolhedor, não tão aconchegante e não tão movimentado. (Paulo)*

Paulo, comentando a imagem de praça (Anexo B), ao tempo em que assume não saber de que rua ou cidade se trata, demonstra saber que, pelos elementos identificados, só pode ser próxima. O ponto de partida aqui para o estabelecimento de distâncias é o próprio Paulo, habitante do Le Parc e estudante no Itaipara, “regiões nobres” de Salvador. No centro de referência, há iluminação pública de boa qualidade, equipamentos novos e bem pintados, consequência de uma distribuição desigual do dinheiro público; Paulo demonstra saber estar ao centro das atenções da máquina pública. Afastada de si, como um lugar menos bonito, menos acolhedor e não tão aconchegante, está a periferia; lá, a realidade é “um pouco diferente”. O não saber de Paulo, assim, demonstra-se permeado de saber, um saber que parece descrever as coisas como foram e serão, que fixa Paulo, sua escola, condomínio e periferia em cadeias discursivas tão coerentes internamente quanto opostas entre si.

A análise psicanalítica de discursos caracteriza-se pela crítica da concepção do sujeito como emissor autônomo, dados a ideologia, a hipótese do inconsciente e os processos políticos e discursivos de individuação, dependentes estes últimos dos aparelhos ideológicos que sustentam as relações de poder. Daí o fato de o sujeito ser considerado mais um efeito do discurso do que sua causa. A análise psicanalítica de discursos faz crítica ainda à ideia de transparência da mensagem, dadas as ambiguidades, paradoxos, deformações e negações que intervêm em sua construção. Daí que todo discurso deve ser dividido entre seu conteúdo manifesto e latente. Critica a acessibilidade do código, dado o simbólico não ser um sistema completo e decifrável segundo determinada metalinguagem, ou um objeto inerte, desconsideradas suas propriedades criativas, transformativas. Por fim, critica a pressuposição de uma paridade e reflexividade imanentes à relação emissor-receptor: tais relações, antes de

partirem de uma ética neutra, colaborativa e sem antagonismos, envolvem sempre um exercício tácito de poder, dominação ou autoridade (DUNKER; PAULON; MILÁN-RAMOS, 2016).

*O tipo das pessoas que eu encontro na rua, de certa forma, eu sinto uma desconfiança, porque eu não conheço a pessoa. Aqui no prédio como eu já conheço, os meus amigos e tal, eu tenho mais confiança... assim, me sinto muito mais seguro. (Val)*

*Tem pessoas que você tem mais confiança. Porque você meio que já conhece, sei lá, um amigo seu... Daí o seu amigo tem uma família, daí você já tem um pouco mais de confiança nessa família, daí se essa família chamar algum convidado e tal, você já vai se sentir um pouco mais seguro, por ser uma pessoa que você tem confiança, entendeu? Que é da família do seu amigo. Não que não possa ter alguma coisa, algum caso de alguém entrar assim, mas é muito mais seguro. Tem muito mais controle de quem vai entrar e de quem sai, então... (Val)*

A confiança depositada por Val em seu amigo do condomínio, nesse enunciado, se mostra extensiva a sua família e amigos, ou seja, a todos aqueles que entram no condomínio convidados por seu amigo. Val fala de dois tipos de pessoas: aquelas em quem sente poder confiar, sente conhecer e, por isso, lhe transmitem segurança, e aquelas que não. Que atributos aproximam todos os convidados a entrar no condomínio, todos aqueles que têm permissão para circular do interior dos muros que separam o condomínio da vida na cidade? O que os difere daqueles que não têm a permissão para entrar? E o que irmana ou assemelha esses últimos? Estariam demarcados e separados pelo muro o lugar da segurança, do controle e confiança, do lugar de seus contrários, ou seja, o condomínio da rua?

Para Lara Júnior, Dunker e Pavón-Cuéllar (2019), o objetivo final de uma ideologia seria manter mecanismos de opressão e desigualdade, operando como se esses fossem inerentes ao laço social e fazendo com que o sujeito se identifique com o discurso opressor (campo da linguagem), pelo qual é explorado e passa a agir segundo algo supostamente dado na estruturação desse laço, satisfazendo-se (campo do gozo) nessa posição.

*[...] até que eu vou com uma breve frequência porque eu moro perto do shopping, bem do lado, é só descer uma ladeira e já saio no shopping. Quando eu tô na rua, eu normalmente fico com tensão, né? Porque querendo ou não, é um lugar de perigo, a depender de onde tá andando e tal. Às vezes pode ser perigoso, então é sempre bom ficar prestando atenção, olhar pros dois lados, ver se alguém se aproxima e tal. (Rafael)*

Rafael, nesse enunciado, traz seu sentimento quanto aos 5 (cinco) minutos de caminhada que separam a portaria do condomínio onde mora da entrada do shopping. A ladeira, que “é só descer” e já se está no shopping, é vivenciada como perigo. A rua, lugar de tensão, de atenção lançada sobre esse alguém que se aproxima, liga a casa ao shopping, lugares no interior dos quais Rafael pode consumir sentindo-se protegido, relaxado. TV paga, delivery, plataformas de streaming, diversão sem limites e sem sair de casa, livre dos perigos das ruas, tudo à mão, no *app* ou controle remoto. Quanto alívio ao entrar, enfim, no shopping! Quanto alívio, ao ver

noticiada a violência das ruas, sentindo-se confortado pela presença do vigilante, do alarme, cercas elétricas e câmeras de segurança.

Como contribuição da psicanálise às análises do discurso, temos sua atenção ao que é enunciado, considerado na trama de sentidos que remete à constituição do sujeito enquanto significante no interior do próprio discurso, por meio de suas ancoragens, desvios, insistências, repetições e escapes, ou seja, por meio da repetição significativa em sua versão semântica e sintática. Em relação à enunciação, tem-se por premissa que a enunciação nunca se reduzirá ao enunciado de nenhum discurso. É justamente quando o sujeito cessa de poder testemunhar sobre aquilo que o torna cativo ou limitado, que emerge, de maneira evanescente ou fugidia, o sujeito do inconsciente (DUNKER; PAULON; MILÁN-RAMOS, 2016).

*É porque, por exemplo, no meu prédio, em si, eu não faço muitas atividades nele, sabe? Tipo, no condomínio, ao redor... Entendeu? ... que tem um impacto tão forte. Aí por isso que, tipo, lá no Alphaville, eu saía pra caminhar no condomínio com a minha tia, tinha vários amigos, eu fazia atividades pelo condomínio, entendeu? Aí tinha uma diferença mais direta. Agora aqui no meu condomínio mesmo que eu realmente moro, tipo, não tem tanto impacto, porque eu não saio tanto aqui dentro. [...] Na verdade, a gente não sabe o tipo de pessoa que a gente tá encontrando e esse que é o problema, entendeu? Porque você não tem o controle, então você não tem como saber. Agora é aquela coisa que a gente disse: como no condomínio, tipo, a pessoa precisa literalmente de uma permissão de alguém que já mora lá pra entrar, então é uma coisa mais limitada, uma coisa teoricamente mais controlada. Não é literalmente qualquer um que pode entrar lá e você se sente mais seguro, mas não necessariamente vão ser tipos de pessoas diferentes, entendeu?*

Na fala de Rosa, o sentimento de segurança com relação ao outro se apresenta quando se pode exercer algum controle sobre sua entrada no espaço privado, sua aproximação e permanência ali. Aproxima-se aquele que tem a permissão de Rosa, ou de qualquer condômino, aquele a quem se pode impor algum limite. Controle, permissão e limite aparecem no discurso de Rosa como significantes tranquilizadores, apaziguadores, quando em relação a esse outro indeterminado. Mesmo se não faz muitas atividades em seu prédio, se não sai tanto ali dentro, ou ao redor, o não saber que tipo de pessoas pode encontrar, associado à ideia de insegurança, apresenta-se como problema para Rosa somente quando trata das pessoas que encontra nas ruas. Mesmo se, no dizer de Rosa, “não necessariamente vão ser tipos de pessoas diferentes” aquelas que estão autorizadas a circular no interior do condomínio, sejam moradores ou visitantes, essas pessoas lá estão por respeitarem algum limite, por serem admitidas após passarem por uma espécie de checagem.

Dunker, Paulon e Milán-Ramos (2016) trazem como traços metodológicos de uma análise psicanalítica do discurso: o destaque dado ao entendimento de que o destinatário de um discurso nem sempre é familiar a quem o pronuncia, permanecendo-lhe estranho e estando-lhe para mais além de seu próximo ou interlocutor; a mensagem emitida vem cifrada, deformada e não

transparente ao próprio falante; a posição do sujeito denuncia-se mais no ponto que ele quer negar, do qual quer se afastar ou à significação à qual resiste, do que naquilo em que ele melhor se reconhece como senhor de sua própria mensagem; e, por fim, tem-se que a relação do sujeito com a verdade de seu discurso é animada pelo amor, ódio, ou ignorância, associadas essas paixões às operações inconscientes do recalçamento, condensação ou negação.

*Se eu fosse descrever minha cidade, eu diria que ela é bastante turística, principalmente por causa dos pontos turísticos, né, que são famosos, como o Elevador Lacerda, o Farol da Barra e também tem as praias de Salvador que são famosas, as baianas de acarajé, a cultura em si é bem popular, o Pelourinho, tudo isso bem cultural e chama bastante a atenção dos turistas. É isso, acho bem turística. O Farol da Barra, a gente só visita uma, duas vezes e não vai mais, né? Mas eu acho que pra turistas é bem interessante vir pra Salvador. [...] Na maioria dos casos, Salvador é uma das cidades mais perigosas daqui do Brasil. É perigosa no geral. É difícil ficar saindo pra lá e pra cá sozinho. (Rafael)*

*Eu até gostaria de sair com uns amigos pra ir pra uma praça assim e tal. É porque minha mãe não costuma deixar eu sair sozinho, porque ela tem medo de alguma coisa acontecer. Então, eu costumo muito mais ficar em casa e não ir pra rua como meus amigos. Nunca tive uma oportunidade assim de ir pra uma praça pública pra poder me divertir com eles. (Val)*

Ir a uma praça pública, no dito de Val logo acima, aparece associado aos significantes oportunidade, diversão, gostar. O medo é alojado no lugar ocupado pelo outro: está na mãe. A Salvador turística, cultural, famosa, interessante, também está abrigada no outro: interessa ao turista. Ao adolescente que nela reside, conforme enunciado por Rafael, está destinada a Salvador perigosa. Há, no discurso dos adolescentes, uma cidade que lhes é negada, que há, mas da qual não podem usufruir: a cidade turística, cultural, divertida. Eles demonstram saber do perigo que lhes está à espreita, mas que sabem mais, e que aquele tanto de saber acumulado, ordenado em discurso sobre sua cidade, lhes é ofertado pelo Outro, tesouro dos significantes. Exilados em sua própria cidade, sitiados em verdadeiras fortalezas, os participantes, mesmo assim, não deixam de exprimir sentimentos de liberdade, ainda que estrangeira.

O psicólogo crítico britânico Parker (2005) designa de Análise Lacaniana do Discurso - ALC o uso na análise de discurso em psicologia de algumas concepções ou noções extraídas da produção teórica lacaniana. A ALD, mais do que uma mera técnica da psicanálise, pretende ser uma epistemologia capaz de gerar um determinado tipo de análise sobre a realidade, baseada nas dinâmicas do discurso do sujeito do inconsciente.

Ao invés de deter-se em descrever ou explicar o dito pelo discurso, a ALD dedica-se a:

denunciar o que não se enuncia, observar a realização do enunciado como silenciado e em parceria com o feito, diferenciar o que se faz e o que não se faz por meio do que se diz, reconstruir as condições de enunciação, rastrear as causas e efeitos dos ditos, pôr em relevo o que não tem causa aparente, circunscrever o aleatório e o contingente, detectar os propósitos e desejos latentes, desentranhar os pressupostos e as implicações, delatar os erros e as contradições, revelar verdades inconfessadas, levar

certas asserções até suas últimas consequências, posicionar-se e incidir na trama discursiva, produzir algo nela, contradizê-la ou continuá-la, confirmá-la ou reafirmá-la, debilitá-la ou evidenciá-la, desviá-la ou retificá-la, representá-la ou fazê-la tropeçar com ela mesma, e muitas coisas mais (LARA JÚNIOR; DUNKER; PAVÓN-CUÉLLAR, 2019, p. 21 e 22).

Ainda é proposto o Lugar Prescritivo como um recurso analítico que auxilia na nomeação e compreensão das diversas formas de opressão que se instalam nas relações sociais e que, por isso mesmo, afetam diretamente a subjetividade dos sujeitos e os faz sofrer (*Ibidem*, 2019). No Lugar Prescritivo, existem estruturas de significação (no discurso transindividual) influenciadas por discursos ideológicos que situam lugares e identificações a partir de cadeias significantes, contribuindo para que determinado tipo de opressão ocorra livremente como verdades tidas como dadas, tanto pelo apagamento da história, quanto pela omissão de questões sociais atuais. Povoar o significante com a ideologia garante a construção do Lugar Prescritivo. A ideologia é entendida aqui não como um conjunto de ideias, um sistema de crenças ou um programa político por meio dos quais sujeitos são doutrinados, e sim como um sistema de representações, de imagens, conceitos e, acima de tudo, estruturas dentro das quais os sujeitos vivem. Resumidamente, uma ideologia representa a relação imaginária do sujeito com suas reais condições de vida.

*É, tem rua que é mais... Que mesmo de dia você sabe que é mais perigosa, dependendo também né, porque eu não sei exatamente que região nem que cidade é isso. [...] Eu acho que dependendo da região da cidade, né? Uma região assim acho que é uma região mais nobre. Em uma região mais afastada da cidade, [...] se fosse um lugar mais afastado, mais na periferia, acho que seria um pouco diferente isso e talvez não tão acolhedor, não tão aconchegante e não tão movimentado. [...] Fico 100% seguro no meu condomínio, não fico com medo de nada, ando tranquilamente, porque tem rua né, mas é uma rua que eu me sinto 100% seguro, ando com o celular tranquilamente, sem nenhum problema. (Paulo)*

*Tem os lugares, como ela disse, né? Os extremos! Que são os lugares que são mais perigosos e tem os lugares que são assim, de luxo, que sei lá, são mais seguros, aparentemente. (Val)*

*Assim, não é tão seguro você pegar um transporte público aqui, muito menos você ir andando a pé ou coisa e tal. [...] lugares não tão seguros, favelas e tudo mais, que você já sabe que não pode passar de carro por lá porque você já fica com medo e tal. (Rosa)*

O luxo aparece na fala de Val como algo que remete à ideia de segurança. Favela, para Rosa, remete ao sentimento de medo. Tem rua na qual Paulo sente de poder andar tranquilamente, sente estar 100% seguro, mas não é assim em qualquer região da cidade. O pobre, o negro, o favelado, o morador de comunidades periféricas, o usuário de transporte público, todos trazem consigo a insígnia da desconfiança, de ser alguém a quem temer, de quem devo me proteger ou evitar me aproximar. Periferia vem muito facilmente imaginada como lugar da escassez, da delinquência e violência. Aquele que mora em condomínios de luxo, em

áreas nobres da cidade, por sua vez, está acima de qualquer suspeita, transmite sentimentos de tranquilidade e de segurança. Se há “cidadãos de bem”, que devem ter seus direitos respeitados e privilégios mantidos, é porque do outro lado, do lado “afastado”, há cidadãos do mal, mais bandidos que humanos, sujeitos privados de direitos.

Esse posicionamento estrutural do Lugar Prescritivo, no entanto, não é totalizante e determinante, se considerarmos uma possibilidade subversiva e disruptiva dessa estruturação, dado que é da própria etimologia de prescritivo a ideia de algo caduco, de algo que perdeu a validade por decurso de prazo. Abre-se, assim, a possibilidade de sua subversão, destituição, quando o sujeito passa a responder de outros lugares, ou mesmo cria novos lugares discursivos em que é tomado por outra ética, como é o caso da ética do desejo (LARA JÚNIOR; DUNKER; PAVÓN-CUÉLLAR, 2019).

Segundo Carreira (2009), a sociedade contemporânea oferece ao sujeito uma esperança de gozo através daquilo que Lacan chama de *latusas*, pequenos objetos mais-de-gozar fabricados pelo capitalismo para causar o desejo e que são impostos como proposições substitutivas para tamponar a falta. Esperança que é o outro nome da fantasia, ou seja, assim como no capitalismo, na neurose o sujeito constrói sua fantasia como esperança de recuperar o gozo que perde ao falar. É essa esperança que é cooptada pelo capitalismo quando cria a ilusão para o sujeito de que pode lhe oferecer o *a*. Embora o capitalismo ofereça tais objetos de desejo, ele também finda por lançar o sujeito infinitamente no consumo de novos objetos, parciais, descartáveis, preservando a falta que sustenta o desejo.

*Fico 100% seguro no meu condomínio, não fico com medo de nada... É fechado, é muito difícil de entrar, tem que ligar e tal, como condomínio normal né, tem que interfonar pra casa, então dá uma tranquilizada. (Paulo)*

*Por ser um condomínio até a própria pessoa que esteja disposta a fazer algo de "ruim" ela ficaria já pensando duas vezes sendo um condomínio fechado, porque ela sabe que vai ter câmara, ela sabe que provavelmente vai ter um segurança ali perto. [...] Você tem lugares bem de luxo, bem arrumados, bem seguros e tudo o mais; condomínios que você pode andar livremente. (Rosa)*

*A pessoa que você mora, convive aqui no condomínio, você pode até ter uma certa confiança porque ou ela mora lá ou ela é visitante, convidada, de uma pessoa que mora, então dá pra confiar mais nela. (Rafael)*

*Dentro do condomínio eu me sinto muito mais seguro, né? Lugar fechado e tal. Menos chance de alguma coisa acontecer. Porque é fechado, né? Não é um lugar aberto. Não que não tenha possibilidade de algo acontecer, mas é muito baixa a chance de algum coisa ruim acontecer. (Val)*

Numa sociedade em que parecer ser, fazer semblante de povoar o imaginário do outro do discurso de uma vida que aparente plena de gozo e de satisfação, tampona algo do sofrimento experimentado por um eu débil ou relegado ao anonimato, mais importante até do que oferecer

segurança, serviços e comodidade totais, sem furos, é parecer oferecer, convencer oferecer. O discurso em torno dos condomínios fechados, de tão poderoso, é capaz de mudar o centro geopolítico da cidade, sua arquitetura, e determinar o rol dos possuídos e dos despossuídos, daqueles que contam e dos que não. Funcionam como catalizadores da oferta de equipamentos e serviços. Mesmo compartilhando a vida no interior dos condomínios com desconhecidos, os demais condôminos são sentidos como próximos e confiáveis. Mesmo trancafiados entre cercas e muros, e vigilância ostensiva e cães ferozes, a vida tem sabor de liberdade, de tranquilidade e de segurança. O condomínio, de desejável, passa a necessário, de auspiciável, a imprescindível para quem vive nos grandes centros urbanos, pois, afinal, como deixar os filhos sujeitos à imprevisibilidade e à voracidade da selva urbana, como deixá-los cara a cara com esse outro da cidade experimentado em sua heterogeneidade, no mais das vezes, como intruso, inconveniente ou ameaça? Seria irresponsabilidade ou uma temeridade negar-lhes tal garantia de segurança, conforto, comodidade. Garante-se ainda, assim, figurar entre os possuídos, os que importam, os que não foram deixados de fora.

O processo discursivo que comanda a economia libidinal das sociedades modernas, essa estrutura simbólica que contorna o Real funcionando como aparelho de gozo, lê a relação de consumo como uma variante do discurso do mestre. A relação de consumo obtura a divisão do sujeito, cujo sinal clínico mais evidente é a angústia e seus equivalentes, além de produzir uma função específica do objeto *a* como objeto *a-mais-de-gozar*. Assim, está em jogo uma espécie de satisfação adicional ou insatisfação artificialmente construída na relação com os objetos. A relação de consumo apresenta-se ainda como uma relação de fantasia, com as características de condicionar o erotismo, inscrever a repetição, alienar o desejo, representar a lei (DUNKER; PAULON; MILÁN-RAMOS, 2016).

*Eu preferiria morar em outro lugar, tipo, fora: nos Estados Unidos, sei lá, porque tem uma economia melhor e tal. (Val)*

O condomínio, como experiência de extraterritorialidade e de separação daqueles que são os reais problemas da cidade, coopera para um tal desenraizamento e experiência de estranhamento, aversão, ou não reconhecimento nas pessoas e usos locais, que melhor seria, como diz Val, morar num lugar onde a “economia é melhor e tal”. Alto poder aquisitivo e padrão de vida, sucesso profissional e bem-estar social, o que melhor expressaria isso para a classe média ou burocratas brasileiros do que morar nos Estados Unidos? Ao invés de ideias de transformação e de justiça sociais, de implicação com os paradoxos e contradições de uma sociedade fortemente marcada pela desigualdade e exclusão, melhor seria poder gozar de viver no lugar que é a máxima expressão da liberdade de consumir, maior produtor e agenciador de

desejos. A massificação da produção de objetos de desejo e sua proliferação numa escala e ritmo que tanto bancam o vazio, o não sentido, quanto demandam mais, gozar mais, consumir mais; tudo isso funcionando numa engrenagem de trabalho e mais trabalho pra gerar lucro e poder de consumo: é com isso que o capitalista nos faz sonhar, tornando-nos tão mais sedentos de mercadorias, quanto distantes da verdade sobre nós, sobre o que nos faz únicos e membros de uma coletividade com histórias e anseios comuns. O discurso sobre o progresso e prosperidade pessoais coloniza de tal modo a mente do cidadão de classe média brasileiro que inibe para o destinatário o acesso à diversidade de experiências econômicas em solo estadunidense. Economia boa para quem? Ou mesmo, quem são os referenciados no discurso que tornam válida a sentença? É para nós, ou para aqueles como nós, que a economia é melhor?

É o discurso do capitalismo, considerado uma subversão do discurso do mestre operada pelo discurso universitário, que surge com a ascensão do saber ao lugar de agente do discurso. O tudo saber passa a ocupar, nesse discurso, o lugar de senhor, assim como o capitalista é quem é suposto deter o saber sobre o gozo (CARREIRA, 2009). Segundo Soler (2011), com o discurso capitalista, Lacan escreve um discurso que desfaz o laço social, ao invés de enlaçá-lo, que desfaz todas as solidariedades sociais e deixa cada sujeito cara a cara com o objeto causa.

Dentro de qualquer rede discursiva ou sistema de signos, existem certos significantes privilegiados, os pontos nodais da rede, que funcionam para abaixar o significado e assegurar a troca harmoniosa de significantes, pela repressão estruturante ou elisão de outras significações. Tais significantes são evidentes no nível da fala cotidiana, tipicamente como aqueles termos repetidos com frequência ou afetivamente carregados que funcionam para fundamentar um argumento ou significado. Os significantes mestres apresentam-se como aqueles aspectos incontestáveis da posição discursiva, como pontos autovalidados de apego a uma cosmovisão ideológica ou uma visão pessoal mais ampla, desempenhando um papel integrador e de modulação dos efeitos da legibilidade de um conjunto de elementos discursivos de outro modo indeterminado e muito provavelmente angustiante. Um significante mestre redireciona, ainda, significantes potencialmente dolorosos ou ansiogênicos, de modo a fazer emergir uma cadeia significativa com o significado oposto, suportável ou mesmo reconfortante. Diante de cada significante mestre, devemos perguntar: o que ele mantém à distância, o que mantém além do domínio do pensar? (LARA JÚNIOR; DUNKER; PAVÓN-CUÉLLAR, 2019).

*É um lugar de encontros, tem jovens... (Paulo)*

*[...] tem várias pessoas se encontrando. É uma praça boa pra se encontrar.  
(Rosa)*

Praça como lugar propício para encontrar-se com o outro, para estar com amigos, família, lugar de diversão e de aconchego, foi o que disseram os participantes ao referirem-se aos pensamentos e sentimentos mobilizados pela imagem da praça (Anexo B), bem diferente do dito sobre a ideia de praça pública no geral. Difícil resistir a estar num lugar assim descrito, a não ser que essa visão colida com outros significantes que, por seu poder agenciador e ordenador do discurso, por prestarem serviço a uma ideologia hegemônica contrastante, se impõem como mestres, limitadores do sentido e operadores de cadeias outras a partir dos significantes perturbadores. Perigo... A praça é convertida em lugar de perigo. Nela, há agora mais desencontros que encontros, uma vez que o outro que se encontra lá foi convertido em estranho, alguém de índole duvidosa, que porta insegurança, deixando a gente “sempre com um pé atrás”. A praça, a rua, o transporte público, enfim, a cidade agora nos deixa assim:

*nervoso e tal né, porque tá com celular, com carteira, tá com dinheiro, aí às vezes a pessoa fica meio neurótica assim. (Paulo)*

Se o perigo e o medo dominaram o mais que pode ser dito sobre a cidade, onde foram alojar-se o aconchego, a tranquilidade, segurança, confiança, controle, previsibilidade, liberdade? Passaram a exprimir aquilo que sentimos ou pensamos quando a palavra é condomínio; foram atribuir sentido a uma outra cadeia discursiva, tornando a mercadoria condomínio tão desejável quanto repulsiva a ideia de sair para a praça.

Para Lara Júnior, Dunker, Pavón-Cuéllar (2019), significados significativos, apegos apaixonados, áreas investidas de intensa carga libidinal, são sempre resultado de significantes mestres ordenando o campo da significação. A operação realizada pelos significantes mestres desenvolve, assim, um tipo de economia libidinal, na medida em que produz uma distribuição e arranjo dos afetos. Termos ideológicos opostos ou rivais não seriam eliminados, mas rearticulados, reintegrados e organizados em um conjunto diferente de relações significantes.

Para uma análise adequada de um significante mestre, os autores que é necessário considerar-se não apenas os transbordamentos aparentes de significado, mas também aqueles pontos dos quais o significado se apodera e as associações são interrompidas; não apenas como múltiplos significados se articulam sob a égide de um significante hegemônico, mas também os vários significantes reprimidos, negados e, por isso, não enunciados, eliminados rotineiramente pelo significante mestre como função do eu.

Parker (2005), ao propor um agrupamento dos elementos teóricos característicos de uma análise do discurso que se possa dizer lacaniana, traz em primeiro lugar a atenção às qualidades formais do texto, à disposição dos significantes no interior de uma articulação discursiva, em

seu caráter de orientação e de interrupção do fluxo da fala, assim como a necessidade de que o analista do discurso se debruce sobre a ancoragem da representação, identificando no texto aqueles significantes que reivindicam para si a autoridade do mestre sobre os demais significantes, impondo-se ante qualquer argumento fundamentado, racional. Ainda com base no autor, analisemos a seguinte sequência de falas, na ordem em que surgiram, versando sobre o tipo de pessoas que se encontra nas ruas e o tipo daquelas que vivem nos condomínios:

— *Na verdade, a gente não sabe o tipo de pessoa que a gente tá encontrando e esse que é o problema, entendeu? Porque você não tem o controle, então você não tem como saber. Agora é aquela coisa que a gente disse, como no condomínio, tipo, a pessoa precisa literalmente de uma permissão de alguém que já mora lá pra entrar, então é uma coisa mais limitada, uma coisa teoricamente mais controlada. Não é literalmente qualquer um que pode entrar lá e você se sente mais seguro, mas não necessariamente vão ser tipos de pessoas diferentes, entendeu? (Rosa)*

— *Eu sei lá, o tipo das pessoas que eu encontro na rua, de certa forma eu sinto uma desconfiança, porque eu não conheço a pessoa. Aqui no prédio como eu já conheço, os meus amigos e tal, eu tenho mais confiança assim, me sinto muito mais seguro. (Val)*

— *É, eu penso o mesmo. Na rua você não conhece a pessoa, você não sabe qual a índole dela, mas a pessoa que você mora, convive aqui no condomínio, você pode até ter uma certa confiança porque ou ela mora lá ou ela é visitante, convidada, de uma pessoa que mora, então dá pra confiar mais nela... É isso. (Rafael)*

A necessidade de algum exercício de controle sobre o que lhe acontece, mesmo se um controle delegado ao porteiro, ou a outro morador, aparece na fala de Rosa orientado à ideia de um limite imposto ao outro que lhe faça sentir mais segura, limite este presente na possibilidade mesma de ter o poder de permitir ou negar sua entrada nesse espaço de segurança. Ao morador, convertido em amigo, ou conhecido, alguém em quem é possível se reconhecer, é destinado, também por Val, o atributo da confiança, sendo a insegurança ou desconfiança deixadas do lado de fora do condomínio, nas ruas, com aqueles sem permissão para entrar. Rafael começa com um “penso o mesmo”. É morar no condomínio, ou nele por a permissão de entrar como visitante, que repete para Rafael em quem que ele pode ter “certa confiança”, “confiar mais” em sua índole. O lugar da desconfiança, mais uma vez, é a rua, a pessoa que não mora no condomínio, nem é nele convidada a entrar. O encadeamento dos significantes ao longo das falas, sua evocação e repressão, revelam a dominância da representação do condomínio como lugar da segurança, da confiança por reconhecimento, do controle e previsibilidade, em detrimento da rua, lugar aonde o mestre destina os atributos da desconfiança, da livre circulação de “qualquer um”, esse qualquer do não reconhecimento, da inconveniência e incômodo, da ameaça.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No presente trabalho, buscamos entender se/como estão presentes nos discursos de adolescentes de classe média alta, residentes em condomínios fechados de Salvador, o desejo de integração social e alguma responsabilização subjetiva pela vida na *urbe*, a partir dos significados e sentimentos relacionados ao outro que habita fora dos muros dos condomínios. O desejo candente era criar um espaço propício para que os participantes, ao todo quatro adolescentes entre 15 e 17 anos, falassem da vida no interior destas edificações-fortalezas, a fim de colhermos algo que remetesse ao impacto desta vida na subjetividade de seus moradores e na possibilidade mesma de um laço social que permita, favoreça, se pensar uma cidade que seja casa de todos e para todos.

Para os adolescentes que participaram da pesquisa, os atributos de precariedade, desordem, insegurança e descaso não foram aplicados à cidade indiscriminadamente, demonstrando algum saber sobre a cidade como este ente que abriga em seu seio experiências extremas. Os atributos referidos foram aplicados a regiões afastadas, favelas, nomeadamente, lugares “que você já sabe que não pode passar de carro por lá porque você já fica com medo”. Afastando as favelas no discurso, os bairros “de luxo”, arquiteticamente marcados pelos condomínios fechados, aparecem como os lugares próximos, onde também as pessoas que neles habitam são consideradas próximas, conhecidas, de índole não questionada, com quem se pode sentir “100% seguro”. Tal disposição espacial e simbólica só vem ameaçada quando o costume aparece na fala de Rosa como algo capaz de dar vazão a sentimentos, afetos e memórias outras sobre o caminhar pelas ruas e frequentar espaços públicos pensados para propiciar encontros, convivência e lazer, contrapondo-se, assim, ao discurso reinante sobre esses espaços e as pessoas que neles encontramos. Há um muro, de concreto e simbólico, que repete contínua e ininterruptamente para esses adolescentes: não ultrapasse; lá fora está o perigo! Sentir-se limitados, barrados de saber mais e diversamente sobre esse mundo que está para além dos muros do condomínio, ou mesmo curiosos, desejosos do que lhes é proibido: oxalá tais sentimentos abrissem fendas nesses muros, fendas de fazerem ver, fendas como convite a ultrapassar! Daí a emergência de um giro discursivo que afronte o capitalista, que favoreça a esses adolescentes terem que se haver com seu desejo, perceberem o furo que há no discurso dominante e produzir novos significados para a cidade. Abrir-se-ia, assim, o caminho para uma nova relação com aqueles que hoje ocupam o lugar do estranhamento, da ameaça, desconfiança, medo.

A fantasia em torno dos condomínios intenta transpor para um objeto determinado o ideal

narcísico de recriação do mundo, um mundo onde estaria abolida a indeterminação, comprometida a dimensão da alteridade, demarcado pelo muro o limite entre mim e o outro como uma proteção contra o conflito, o encontro ameaçador, a presença perturbadora do diferente. Entendemos que o discurso em torno dos condomínios, fortemente assimilado, e a vida que os participantes da pesquisa levam no interior dessas edificações-fortalezas, não colaboram para o estabelecimento de laços ou vínculos entre esses adolescentes e a cidade onde moram e crescem. Quando o outro que habita a cidade é convertido em ameaça e deve ser mantido afastado, quando é visto como diferença radical e reconhecer-se nele é improvável, estão postas as condições para seu silenciamento, invisibilidade ou aniquilamento. Sabendo-se estar ao centro das decisões políticas e destinação dos recursos públicos e investimento privado, o descontentamento ou insatisfação aparecem em suas falas quando relacionados a uma comodidade e acesso a serviços que não se apresentou total, como prometida, no interior dos condomínios, num voltar-se sem fim sobre si mesmos. Demonstram-se ainda descontentes com sua condição econômica que, para ser melhor mesmo, só “morando fora”. Mais fora ainda, podemos dizer, tendo presente o distanciamento que o condomínio já opera das condições reais de vida dos outros da cidade.

Uma vida “como se”. Não que os participantes da pesquisa não saibam que em algumas regiões da cidade a assistência do Estado ou é precária, ou inexistente. Não que não saibam que nas regiões “afastadas” falta o mínimo para viver e o acesso às instâncias legislativas e executivas de políticas públicas pelos moradores dessas regiões é obstaculizado, seja pelo descrédito na máquina burocrática, seja pela falta de conhecimento de seus direitos e prerrogativas. No condomínio, porém, se pode viver como se nada disso existisse, uma vez que o regramento, a determinação da vida e a oferta de serviços se propõem totais, sem furo ou resto. Desviar o olhar daquilo que contesta o próprio estilo de vida, que torna evidente e incontornável o faz de conta de uma vida sem correspondência na *urbe*, finda por operar uma fetichização do objeto condomínio, convertido em amortecedor do impacto de ter que lidar com a realidade de uma sociedade adoecida, desprovida de laços de solidariedade e de percepção de contiguidade entre minha experiência e a do outro, das consequências para a inteira coletividade das próprias escolhas.

Bolhas e muros protegem comunidades de repetição do mesmo, operando uma hiperinflação de dada experiência e apreensão da realidade, absolutizada e reforçada pelo semelhante que funciona como espelho d'água. Não só criar vias de acesso e intersecção, mas transitá-las, demorando-se nos passeios e praças, olhando de frente e deixando-se tocar por outras experiências subjetivas e subjetivantes, outras histórias e grupos, para, assim, poder

sonhar outras cidades, colocar o desejo em moto, fazendo-lhe circular por novas vias e ser atuado de forma transformativa: é essa a aposta do presente estudo para que as cidades espelhem as convergências, os anseios comuns de seus habitantes, mas também garantam o espaço para que possam se exprimir em sua riqueza e singularidade as irrefreáveis possibilidades de existir e se constituir, tanto individual quanto coletivamente.

Movidos pelo desejo, entendemos ser necessário continuar ouvindo esses e outros adolescentes, ouvir aqueles que olham para os condomínios a partir de fora, que não têm permissão para entrar, colocar juntos os dois ou os múltiplos olhares sobre a cidade e sobre o outro que encontramos ao circular por ela, ao se tomar posse dos espaços públicos; isso, a fim de criar ocasiões propícias à mudança de posição subjetiva, à produção de novos significantes mestres que reordenem ou deem origem a novas redes significantes, que agenciem novos semblantes de *a*, que possam vetorizar o desejo em direções antes inimaginadas, colocando juntos corações, mentes e músculos na construção de cidades marcadas não mais por muros, mas por pontes.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Rogério de; MAIORINO, Fabiana Tavolaro; CAMILLO, Simone de Oliveira. Alegorias do contemporâneo: um diálogo entre Cosmopolis e Holy Motors. **Comunicações**, Piracicaba, v. 23, n. 3, p. 21-32, 2016. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-unimep/index.php/comunicacoes/article/view/2809>>. Acesso em 01 dez. 2021.
- AMADOR, Fernanda Spanier; FERNANDES, Daniel Rodrigues. Cidades (in) habituais: considerações sobre neoliberalismo e resistência. **Fractal: Revista de Psicologia [online]**, v. 28, n. 2, p. 252-256, 2016. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/fractal/a/ncmhW67N3tzNwGWCxjRd3Vg/abstract/?lang=pt#ModalArticles>>. Acesso em: 01 dez. 2021.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EMPRESAS DE PESQUISA (ABEP). **Novo Critério de Classificação Econômica Brasil**. [S. l.]: ABEP, 2020.
- BARKER, Chris; PISTRANG, Nancy; ELLIOT, Robert. **Research methods in clinical and counselling psychology**. John Wiley & Sons, 1994.
- BARROSO, Adriane de Freitas. Pela responsabilização subjetiva na modernidade líquida: Novos arranjos no espaço público. **Psicologia Argumento**, Curitiba, v. 29, n. 67, p. 469-478, 2011. Disponível em: <<https://periodicos.pucpr.br/psicologiaargumento/article/view/20327/0>>. Acesso em: 01 dez. 2021.
- BENEVIDES, Maria Victoria de Mesquita. Cidadania e democracia. **Lua Nova: Revista de Cultura e Política [online]**, n. 33, p. 5-16, 1994. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ln/a/LTSGRTDqFD4X74DxLsw9Krz/?lang=pt#>>. Acesso em 01 dez. 2021.
- BRASIL, Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Brasília: 1990. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l8069.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm)>. Acesso em: 01 dez. 2021.
- \_\_\_\_\_. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução no 510, de 7 de abril de 2016**. Trata sobre as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisa em ciências humanas e sociais. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 24 maio 2016.
- BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Ofício circular nº 2/2021/CONEP/SECNS/MS**. Orientações para procedimentos em pesquisas com qualquer etapa em ambiente virtual. Brasília: 24 fev. de 2021.
- CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. Enclaves fortificados: a nova segregação urbana. **Novos estudos CEBRAP**, São Paulo: v. 47, p. 155-76, 1997. Disponível em: <[https://liquefeito.com.br/ippur/images/Texto\\_2\\_-\\_CALDEIRA\\_Teresa\\_P.\\_do\\_R.\\_Enclaves\\_fortificados\\_-\\_segrega%C3%A7%C3%A3o\\_urbana.pdf](https://liquefeito.com.br/ippur/images/Texto_2_-_CALDEIRA_Teresa_P._do_R._Enclaves_fortificados_-_segrega%C3%A7%C3%A3o_urbana.pdf)>. Acesso em: 01 dez. 2021.

CARREIRA, Alessandra Fernandes. Sobre a Fantasia nos Quatro Discursos. **Revista Cesumar–Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**, [S. l.], v. 14, n. 1, p. 125-135, 2009. Disponível em:  
<<https://periodicos.unicesumar.edu.br/index.php/revcesumar/article/download/774/772/>>.  
Acesso em: 01 dez. 2021.

CASTRO, Julio Cesar Lemes de. Sujeito, desejo e identidade no discurso da histeria. In: Simpósio Nacional Discurso, Identidade e Sociedade, 3. 2012, Campinas. **Anais eletrônicos...** Campinas: 2012, p. sem paginação. Disponível em:  
<[https://www.iel.unicamp.br/sidis/anais/pdf/CASTRO\\_JULIO\\_CESAR\\_LEMES\\_DE.pdf](https://www.iel.unicamp.br/sidis/anais/pdf/CASTRO_JULIO_CESAR_LEMES_DE.pdf)>.  
Acesso em: 01 dez. 2021.

CUNHA, Maicon Pereira da; BIRMAN, Joel. Muros do vazio: Narciso revisitado. **Tempo psicanalítico**, Rio de Janeiro, v. 49, n. 2, p. 30-49, 2017. Disponível em:  
<[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-48382017000200003&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-48382017000200003&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 01 dez. 2021

DARRIBA, Vinicius; D'ESCRAIGNOLLE, Mauricio. A presença do capitalismo na teoria dos discursos de Lacan. **Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica [online]**, v. 20, n. 2, p. 543-558, 2017. Disponível em:  
<<https://www.scielo.br/j/agora/a/xQjJYj4bC6LyN8KyDhx4zvn/abstract/?lang=pt#>>.  
Acesso 01 dez. 2021

DUNKER, Christian Ingo Lenz. **Mal-estar, sofrimento e sintoma: uma psicopatologia do Brasil entre muros**. Boitempo Editorial, 2015.

\_\_\_\_\_. Christian Ingo Lenz. Psicanálise e contemporaneidade: novas formas de vida?. **Stylus (Rio de Janeiro)**, Rio de Janeiro, n. 33, p. 119-137, 2016. Disponível em:  
<[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1676-157X2016000200010&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1676-157X2016000200010&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 01 dez. 2021.

DUNKER, Christian Ingo Lenz; PAULON, Clarisse; MILÁN-RAMOS, José Guillermo. **Análise psicanalítica de discurso: perspectivas lacanianas**. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2016.

FONTENELLE, Isleide Arruda. **Cultura do consumo: fundamentos e formas contemporâneas**. Editora FGV, 2017.

FOUCAULT, Michel. **História da Loucura**. 11. ed. São Paulo: Perspectiva, 2017.

FREUD, Sigmund. Análise terminável e interminável. In: FREUD, S. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, v. 23, 1980. p. 239-287.

\_\_\_\_\_. O mal-estar na civilização (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. 21). **Rio Janeiro: Imago**. (Originalmente publicado em 1930), 1996.

GATTI, Bernardete Angelina. Introduzindo o Grupo Focal. In: GATTI, Bernardete Angelina (Org.). **Grupo focal na pesquisa em -ciências sociais e humanas**. Brasília: Líber Livro, 2005. p. 07-15.

GONÇALVES, Mariana Cezar; LIRA, Pablo. Arquitetura do medo sob a perspectiva da prevenção do crime através do desenho ambiental (CPTED). **Geografia em Questão**, [S. l.], v. 12, n. 2, 2019. Disponível em: <<https://e-revista.unioeste.br/index.php/geoemquestao/article/view/18765>>. Acesso em: 01 dez. 2021.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA (IPEA); FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA (FBSP). **Atlas da Violência**. Brasília: Rio de Janeiro: São Paulo: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada; Fórum Brasileiro de Segurança Pública: 2019.

LACAN, Jacques. O seminário, livro 17: O avesso da psicanálise. **Rio de Janeiro: Jorge Zahar**, v. 1969-70, 1992.

\_\_\_\_\_. O estádio do espelho como formador da função do eu tal como nos revela a experiência psicanalítica. In: **J. Lacan, Escritos**, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998a. p. 96-103.

\_\_\_\_\_. Introdução teórica às funções da psicanálise em criminologia. In: **J. Lacan, Escritos**, Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Editor, 1998b. p. 127-151.

\_\_\_\_\_. **O seminário 1961-1962: A Identificação**. 1. ed. Recife: Centro de Estudos Freudianos do Recife, 2003.

\_\_\_\_\_. **O seminário, livro 19: ...ou pior**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1971-72, 2012.

LARA JÚNIOR, Nadir; DUNKER, Christian Ingo Lenz; PAVÓN-CUÉLLAR, David. **Análise lacaniana de discurso: subversão e pesquisa crítica**. Curitiba: Appris, 2019.

LEAL, Elaine Vasconcelos Nascimento; COSTA, Jailton de Jesus; ALMEIDA, Gênisson Lima de. Desertificação socioambiental em espaços urbanos. **Brazilian Journal of Development**, Curitiba, v. 6, n. 10, p. 78154-78166, 2020. Disponível em: <<https://www.brazilianjournals.com/index.php/BRJD/article/view/18229>>. Acesso em: 01 dez. 2021.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 8. ed. Rio de Janeiro: Editora Atlas, 2017.

MOURA, Cristina Patriota de. A fortificação preventiva e a urbanidade como perigo. **Série Antropologia**, Brasília: Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília, v. 407, pp. 6-18, 2006. Disponível em: <<http://www.marcoareliossc.com.br/06moura.pdf>>. Acesso em: 01 dez. 2021.

PARKER, Ian. Lacanian discourse analysis in psychology: Seven theoretical elements. **Theory & Psychology**, v. 15, n. 2, p. 163-182, 2005. Disponível em: <<https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/0959354305051361>>. Acesso em: 01 dez. 2021.

SAFATLE, Vladimir; SILVA JÚNIOR, Nelson da; DUNKER, Christian. **Patologias do social: arqueologias do sofrimento psíquico**. Autêntica, 2018.

SILVA, Leonardo Fireman de Castro. **Sobre os simulacros Urbanos e a Percepção da cidade: Um estudo de caso**. 2013. [Dissertação de Mestrado]. Maceió: Universidade Federal de Alagoas. Curso de Arquitetura e Urbanismo. 2013.

SILVA, Leonardo; MANHAS, Adriana. A Percepção do Espaço Urbano dentro do Simulacro-um estudo de caso. **Revista Paranaense de Desenvolvimento - RPD**, v. 35, n. 126, p. 147-159, 2014a. Disponível em: <<http://www.repositorio.ufal.br/handle/riufal/5500>>. Acesso em: 01 dez. 2021.

\_\_\_\_\_. A representação social através do virtual e o objeto virtualizante: a visão da cidade pelos moradores de condomínios fechados. **Revista Psicologia & Saberes**, v. 3, n. 3, 2014b. Disponível em: <<https://revistas.cesmac.edu.br/index.php/psicologia/article/view/230>>. Acesso em: 01 dez. 2021.

SOLER, Colette. O discurso capitalista. **Revista de Psicanálise Stylus**, n. 22, p. 55-67, 2011. Disponível em: <<http://stylus.emnuvens.com.br/cs/article/view/816>>. Acesso em: 01 dez. 2021.

SOUZA, Andre Felix de. Os espaços públicos nas cidades contemporâneas: uma (re)visão. **Geografares**, [S. l.], n. 26, p. 182-213, 2018. Disponível em: <<https://periodicos.ufes.br/geografares/article/view/21005>>. Acesso em: 01 dez. 2021.

VEGH, Isidoro. **Os discursos e a cura**. 1. ed. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2001.

## APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

O/A seu/sua filho(a) está sendo convidado(a) a participar, como voluntário(a), de uma pesquisa intitulada: **O OUTRO E A URBE: SEU LUGAR NO DISCURSO DE ADOLESCENTES DE CLASSE MÉDIA ALTA RESIDENTES EM CONDOMÍNIOS FECHADOS DE SALVADOR/BA**, que será desenvolvida pelo pesquisador Tiago Ferreira Rolim, graduando do décimo semestre do Curso de Psicologia da Universidade Católica do Salvador.

Esta pesquisa tem por objetivo analisar significados e sentimentos presentes no discurso de adolescentes de classe média alta, residentes em condomínios fechados de Salvador/BA, com relação a sua circulação em espaços públicos da cidade. A participação do(a) seu/sua filho(a) no estudo consiste em integrar grupo focal com outros 05 (cinco) adolescentes, com idade compreendida entre 15 e 17 anos, residentes em condomínios fechados de Salvador/BA, e selecionados por conveniência e acessibilidade. Serão realizados 02 (dois) encontros virtuais a serem agendados previamente com os participantes, com duração de até 1 (uma) hora, dos quais participarão os 06 (adolescentes) e o pesquisador/facilitador. Esta atividade não é obrigatória e, a qualquer momento, seu/sua filho(a) poderá desistir de participar e retirar seu consentimento, sem que haja qualquer penalização ou prejuízo para ele/ela (Res. 466/12 CNS/MS).

Ao decidir participar deste estudo esclareço que:

- Caso seu/sua filho(a) não se sinta à vontade em manifestar-se sobre algum tema abordado no grupo focal, ele/ela poderá deixar de fazê-lo, sem que isso implique em qualquer prejuízo para si ou penalização.

- As informações fornecidas poderão, mais tarde, ser utilizadas para trabalhos científicos e a identificação dele(a) será mantida em sigilo, isto é, não haverá chance de o nome dele(a) ser identificado, assegurando-lhe completo anonimato.

- Devido ao caráter confidencial, essas informações serão utilizadas apenas para os objetivos de estudo. Por isso, os encontros serão gravados para possibilitar o registro de todas as informações fornecidas por pelo(a) seu/sua filho(a), as quais serão posteriormente transcritas; tais gravações serão mantidas sob a guarda dos pesquisadores que, após a transcrição não identificada da mesma, apagarão o conteúdo gravado.

- A participação do(a) seu/sua filho(a) nesta pesquisa se dá em caráter voluntário e não remunerado, e não implica em nenhum custo financeiro para si, mas, caso o participante tenha alguma despesa diretamente decorrente de sua participação, ele/ela será ressarcido(a).

- O estudo apresenta benefícios conforme o CNS RES 466/12. Dessa forma, esta pesquisa poderá ajudar seu/sua filho(a) a refletir sobre a vida no condomínio e fora dele, na cidade. Além disso, como benefícios indiretos, a investigação ampliará o conhecimento científico sobre a relação desses adolescentes com a cidade que habitam, assim como com os outros grupos sociais que habitam e transitam na cidade.

- Há o risco de desconforto em decorrência de a entrevista ser gravada e abordar conteúdos íntimos. Caso isso ocorra, a entrevista será interrompida e seu/sua filho(a) será encaminhado(a) para atendimento psicossocial gratuito no Centro de Acompanhamento Psicossocial UCSAL – CEAPUC, que fica na Av. Prof. Pinto de Aguiar, 2589, no Campus Pituauçu da Universidade Católica do Salvador, telefone (71) 3206-7812.

- Este documento contém duas vias, sendo que uma ficará com o(a) senhor(a) e a outra com o pesquisador.

Em caso de dúvida ou outra necessidade de comunicação com o pesquisador, poderá entrar em contato por meio do endereço/telefone:

Tiago Ferreira Rolim – Telefone: (41) 99500.2194

Universidade Católica do Salvador – Curso de Graduação em Psicologia - Av. Prof. Pinto de Aguiar, 2589 – Pituauçu, Salvador-Ba, CEP: 41740-090

Caso queira algum esclarecimento ético, pode entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da UCSAL, cujo telefone é: (71) 3203-8913.

Eu, \_\_\_\_\_ aceito, voluntariamente, que meu/minha filho(a) participe deste estudo, estando ciente de que ele/ela estará livre para, a qualquer momento, desistir de colaborar com a pesquisa, sem que isso acarrete qualquer prejuízo.

Local e data: \_\_\_\_\_

Assinatura do responsável pelo participante: \_\_\_\_\_

Assinatura do pesquisador: \_\_\_\_\_

## **APÊNDICE B - TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Você está sendo convidado a participar, como voluntário(a), de uma pesquisa intitulada: **O OUTRO E A URBE: SEU LUGAR NO DISCURSO DE ADOLESCENTES DE CLASSE MÉDIA ALTA RESIDENTES EM CONDOMÍNIOS FECHADOS DE SALVADOR/BA**, que será desenvolvida pelo pesquisador Tiago Ferreira Rolim, graduando do décimo semestre do Curso de Psicologia da Universidade Católica do Salvador.

Esta pesquisa tem por objetivo analisar significados e sentimentos presentes no discurso de adolescentes de classe média alta, residentes em condomínios fechados de Salvador/BA, com relação a sua circulação em espaços públicos da cidade. A sua participação no estudo consiste em integrar grupo focal com outros 05 (cinco) adolescentes, com idade compreendida entre 13 e 17 anos, residentes em condomínios fechados de Salvador/BA, e selecionados por conveniência e acessibilidade. Serão realizados 02 (dois) encontros virtuais a serem agendados previamente com os participantes, com duração de até 1 (uma) hora, dos quais participarão os 06 (adolescentes) e o pesquisador/facilitador. Esta atividade não é obrigatória e, a qualquer momento, você poderá desistir de participar e retirar seu consentimento, sem que haja qualquer penalização ou prejuízo para você (Res. 466/12 CNS/MS).

Ao decidir participar deste estudo esclareço que:

- Caso você não se sinta à vontade em manifestar-se sobre algum tema abordado no grupo focal, poderá deixar de fazê-lo, sem que isso implique em qualquer prejuízo para si ou penalização.

- As informações fornecidas poderão, mais tarde, ser utilizadas para trabalhos científicos e a sua identificação será mantida em sigilo, isto é, não haverá chance de seu nome ser identificado, assegurando-lhe completo anonimato.

- Devido ao caráter confidencial, essas informações serão utilizadas apenas para os objetivos de estudo. Por isso, a entrevista será gravada para possibilitar o registro de todas as informações fornecidas por você, as quais serão posteriormente transcritas; tais gravações serão mantidas sob a guarda do pesquisador responsável que, após a transcrição não identificada da mesma, apagarão o conteúdo gravado.

- Sua participação nesta pesquisa se dá em caráter voluntário e não remunerado, e não implica em nenhum custo financeiro para si, mas, caso você tenha alguma despesa diretamente decorrente de sua participação, você será ressarcido(a).

- O estudo apresenta benefícios conforme o CNS RES 466/12. Dessa forma, esta pesquisa poderá ajudá-lo a refletir sobre a sua adolescência. Além disso, como benefícios indiretos, a

investigação ampliará o conhecimento científico sobre aspectos confortáveis e desconfortáveis da adolescência.

- Há o risco de desconforto em decorrência de a entrevista ser gravada e abordar conteúdos íntimos. Caso isso ocorra, a entrevista será interrompida e você será encaminhado para atendimento psicossocial gratuito no Centro de Acompanhamento Psicossocial UCSAL – CEAPUC, que fica na Av. Prof. Pinto de Aguiar, 2589, no Campus Pituáçu da Universidade Católica do Salvador, telefone (71) 3206-7812.

- Este documento contém duas vias, sendo que uma ficará com você e a outra com o pesquisador.

Em caso de dúvida ou outra necessidade de comunicação com o pesquisador, poderá entrar em contato por meio do endereço/telefone:

Tiago Ferreira Rolim – Telefone: (41) 99500.2194

Universidade Católica do Salvador – Curso de Graduação em Psicologia - Av. Prof. Pinto de Aguiar, 2589 – Pituáçu, Salvador-Ba, CEP: 41740-090

Caso queira algum esclarecimento ético, pode entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da UCSAL, cujo telefone é: (71) 3203-8913.

Eu, \_\_\_\_\_ aceito, voluntariamente, o convite de participar deste estudo, estando ciente de que estou livre para, a qualquer momento, desistir de colaborar com a pesquisa, sem que isso acarrete qualquer prejuízo.

Local e data: \_\_\_\_\_

Assinatura do participante: \_\_\_\_\_

Assinatura do pesquisador: \_\_\_\_\_

## APÊNDICE C - TERMO DE COMPROMISSO

**Título do projeto: O OUTRO E A URBE: SEU LUGAR NO DISCURSO DE ADOLESCENTES DE CLASSE MÉDIA ALTA RESIDENTES EM CONDOMÍNIOS FECHADOS DE SALVADOR/BA**

**Pesquisador responsável:** Silvana Maria Grisi Sarno

**Demais pesquisadores:** Tiago Ferreira Rolim

**Instituição/Departamento:** UCSAL

**Local da produção de dados:** plataforma virtual

O/A(s) pesquisador do projeto intitulado “**O OUTRO E A URBE: SEU LUGAR NO DISCURSO DE ADOLESCENTES DE CLASSE MÉDIA ALTA RESIDENTES EM CONDOMÍNIOS FECHADOS DE SALVADOR/BA.**” se compromete a garantir a privacidade dos participantes da pesquisa cujos dados serão coletados através de pesquisa de qualitativa, através de estratégia de grupo focal, via plataforma virtual ZOOM, concorda com a utilização dos dados única e exclusivamente para execução do presente projeto e seus produtos (relatórios, artigos, etc.). Informa que a divulgação das informações só será realizada de forma anônima e sendo os dados coletados bem como os termos de consentimento livre e esclarecido mantidas na residência do pesquisador localizada na rua Manoel Barreto, 354, ap 502 Graça/Salvador-Ba por um período de 5 anos sob a responsabilidade do pesquisador responsável. Após este período, os dados serão destruídos, conforme acordado entre pesquisador e participante da pesquisa no ato da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Salvador, de                      de                      .

## ANEXO A - TERMO DE COMPROMISSO PSICOLÓGICO



### DECLARAÇÃO

Eu, **Ricardo Souza Cruz**, na qualidade de coordenador de estágio e membro do Núcleo Docente Estruturante do curso de Psicologia da UCSAL, declaro para os devidos fins que o CEAPUC - Centro de Apoio Psicológico da Universidade Católica - é destino de atendimento para os participantes que apresentarem desconforto ou necessidade de atendimento psicológico no decorrer da pesquisa intitulada "**O OUTRO E A URBE: SEU LUGAR NO DISCURSO DE ADOLESCENTES DE CLASSE MÉDIA ALTA RESIDENTES EM CONDOMÍNIOS FECHADOS DE SALVADOR/BA**", a ser conduzida sob a responsabilidade do pesquisador **Tiago Ferreira Rolim**, e DECLARO que esta instituição apresenta infraestrutura física e logística para tal. Esta declaração é válida apenas no caso de haver parecer favorável do Comitê de Ética em Pesquisa para a referida pesquisa.

A handwritten signature in blue ink, appearing to read "Ricardo Souza Cruz".

Salvador, 31 de agosto de 2021.

Ricardo Souza Cruz  
Psicólogo Clínico  
CRP: 03/19.414

Coordenação de estágio de Psicologia  
Universidade Católica do Salvador

Universidade Católica do Salvador  
Avenida Prof<sup>o</sup> Pinto de Aguiar, 2589 – Pituaçu CEP 40710-000/Tel. [3206-7871](tel:3206-7871)/[3206-7823](tel:3206-7823)/ [CNPJ](http://CNPJ) 13.970.322/0001-05

**ANEXO B – IMAGENS UTILIZADAS NO GRUPO FOCAL**

*Imagem de rua (Foto: CET/Reprodução The City Fix Brasil)*

*Link: <https://www.thecityfixbrasil.org/wp-content/uploads/2015/11/cet-faixaverde.png>*



*Imagem de praça (Foto: Reprodução Bahia 25 Horas)*

*Link: <http://www.bahia25horas.com.br/fotos/noticias/6880/mg/pr%C3%A7a-itg.jpg>*